

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Biblioteconomia

DIMITRIA SILVA VASCONCELOS DOS SANTOS

TRANSEXUALIDADE E ACOLHIMENTO NA BIBLIOTECA
UNIVERSITÁRIA:
fundamentos estruturados no protagonismo social

Maceió
2020

DIMITRIA SILVA VASCONCELOS DOS SANTOS

**TRANSEXUALIDADE E ACOLHIMENTO
NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:
fundamentos estruturados no protagonismo social**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito final para
obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia

Orientador: Prof. Dr Marcos Aparecido
Rodrigues Prado

**Maceió
2020**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237t Santos, Dimitria Silva Vasconcelos dos.
Transexualidade e acolhimento na biblioteca universitária: fundamentos estruturados no protagonismo social / Dimitria Silva Vasconcelos dos Santos. – 2021.
82 f. : il. color.

Orientador: Marcos Aparecido Rodrigues do Prado.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 79-82.

1. Transexualidade. 2. Protagonismo social. 3. Biblioteconomia. 4. Ciência da informação. 5. Bibliotecários. 6. Biblioteca universitária. I. Título.

CDU: 027.7: 159.9

Folha de Aprovação

Dimitria Silva Vasconcelos dos Santos

**TRANSEXUALIDADE E ACOLHIMENTO
NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA:
fundamentos estruturados no protagonismo social**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito final para
obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr Marcos Aparecido
Rodrigues do Prado

Aprovado em 18 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado (ICHCA/UFAL) (Orientador)

Prof. Dr. Ronaldo Ferreira de Araújo (ICHCA/UFAL) (Avaliador)

Mestranda Patrícia Pedri (ICHCA/PPGCI-UFAL) (Avaliadora)

Dedico esse trabalho a Waldirene
Nogueira e a todas e todos
transexuais, transgêneros e travestis
que lutam batalhas diariamente contra
a intolerância e o preconceito.

Vocês irão vencer essa guerra!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família pelo apoio que recebi para produzir esse trabalho. Sou grata a minha mãe por toda a ajuda e todas as impressões “clandestinas” cada vez que precisei. Agradeço a minha irmã por acreditar em mim desde o início, pelo interesse no processo e pelos momentos de apoio e suporte que recebi. Cada um deles foi importante para a conclusão deste trabalho. Agradeço também ao meu pai que, do seu jeito próprio, sempre demonstrou apoio e credibilidade no que eu me propusesse a fazer, independente do que se tratasse.

Sou muito grata por ter tido o apoio do meu melhor amigo e amor durante toda essa trajetória. Certamente, foi a pessoa que abdicou de muito para que eu pudesse manter o foco e alcançar os meus objetivos enquanto estudante e profissional. Agradeço à disposição e disponibilidade em me ajudar sempre que precisei, por me incentivar a todo o momento e por acreditar que eu posso alcançar sempre mais. Obrigado por todo o esforço para me fazer feliz e por aprender junto comigo. Tenho muito orgulho da pessoa sensível e consciente politicamente que você se tornou ao longo dessa jornada.

Aos meus queridos amigos, o meu mais sincero obrigada! Agradeço a todos e a todas pela credibilidade desde o início desse desafio. Obrigada por todo incentivo e apoio. Obrigada por estarem ao meu lado sempre e me ajudar a me tornar a pessoa que sou hoje. Obrigada por estarem presentes nos momentos bons e, principalmente, por permanecerem comigo nos momentos ruins. Amo todos vocês!

A todas e todos os transexuais que me inspiraram na escolha desta temática tão complexa e igualmente necessária. Sou grata especialmente a Waldirene Nogueira, primeira mulher transexual a conseguir fazer a cirurgia de redesignação no Brasil. Waldirene faz parte da história de pioneirismo e luta pela busca dos direitos da população trans ao mesmo tempo que é personagem principal da sua triste história de vida, repleta de infortúnios, preconceitos, exclusões e violações contra o seu corpo e sua dignidade. Sinto que toda a sociedade brasileira deve desculpas a Waldirene pela condenação que ela recebeu ao tentar ser apenas a pessoa que ela é, e perdão

pela violência sofrida por parte da polícia e IML durante a crueldade de ter seu corpo considerado como tutela de um Estado discriminatório e ditatorial.

Agradeço ao médico Roberto Farina (*in memoriam*) pela coragem para enfrentar o preconceito e a discriminação do Estado a fim de conceder a possibilidade de uma vida digna e oportuna para Waldirene e para a toda a comunidade transgênera posteriormente.

Quero dedicar toda a minha gratidão ao meu querido orientador Prof. Dr. Marcos Aparecido Rodrigues do Prado. Não tenho nem palavras para fazer um agradecimento à altura do seu merecimento, mas posso afirmar que sem ele este trabalho não seria possível. Serei eternamente grata pela oportunidade de ter sido orientada por um profissional tão completo e de qualificação altíssima. Agradeço por ter sido o professor Marcos a trilhar esse percurso comigo pois ele foi de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também pela confiança depositada em mim e por acreditar no meu potencial. Com certeza a sua credibilidade fez toda a diferença para que eu pudesse ter fé em mim mesma e saber que eu poderia chegar ao que almejava.

Ao professor Marcos Prado, sou grata por toda a sua paciência e também: comprometimento, interesse, disponibilidade e, além do mais, por querer sempre o melhor resultado possível. Agradeço por ter enxergado tanto potencial em mim e no meu trabalho quando tudo parecia complexo demais. O professor Marcos se doou tanto para me ajudar a compor cada etapa deste trabalho. Sou grata pelos frutos que este trabalho já conseguiu gerar. Sim! Publicamos um lindo artigo com os aspectos teóricos aqui sustentados. Tenho certeza de que outros frutos ainda irão ser colhidos.

Acredito que o mais importante fruto que essa experiência me proporcionou foi o crescimento pessoal e profissional, pois, sem dúvidas não sou a mesma pessoa de quando tive a pretensão de começar este trabalho. E fico feliz em saber que esse processo de crescimento foi baseado em trocas de conhecimentos e experiências, e por isso, sei que pude ajudar e ensinar tanto quanto tive a chance de aprender. Certamente nós dois iremos finalizar essa vivência bem diferentes de como quando começamos.

Obrigada pela preocupação constante no meu desenvolvimento e no meu futuro. Sei que cada decisão tomada durante essa pesquisa foi olhando sempre mais à frente.

Obrigada por ter sido meu mentor, meu professor e meu amigo! Toda essa jornada não foi fácil e nem tão pouco curta, as cobranças externas para que eu finalizasse esse trabalho sempre foram constantes, contudo, o senhor sempre manteve a cautela e a certeza de que tudo tem o seu tempo e que apesar de ter levado muito mais tempo que o planejado esse trabalho precisou passar por todas as fases, estruturas e planejamentos para se tornar o que é hoje.

Quero agradecer aos meus estimados professores do Curso de Biblioteconomia da UFAL que me proporcionaram conhecimento e crescimento pessoal e profissional.

Agradeço especialmente à profa. Dra. Francisca Rosaline Leite Mota por todo incentivo e confiança. Todo o processo do atual trabalho teve início nas aulas da professora Rosaline e desde o início recebi apoio na escolha da minha temática. Pude sentir verdadeiramente que ela sempre acreditou em mim e no meu potencial, mais do que eu mesma jamais acreditei. Para a professora Rosa apresento toda a minha gratidão e sincera admiração pela exímia profissional que ela é.

Sou imensamente grata também pela pessoa que o senhor “Peu” foi para mim durante todos esses anos. Além de solícito, ele sempre demonstrou estar bem humorado, ser generoso, estar sempre preocupado com o bem estar de alunos e professores e sempre demonstrou ter um grande coração! Agradeço o sentimento paternal e por todo o apoio e suporte que ele me proporcionou durante todo o meu percurso como aluna do curso de Biblioteconomia.

Aos meus colegas de graduação todo o meu obrigada por muitas vezes tornarem essa longa trajetória divertida e leve. Sou grata pelas inúmeras experiências que a vida de estudante universitária me proporcionou e pelas pessoas incríveis que tive a oportunidade de conhecer.

Agradeço também a UFAL, a Biblioteca Central, aos profissionais do SIBi/UFAL e ao Curso de Biblioteconomia por me proporcionarem tanto crescimento. Sou muito grata a essa instituição universitária por todas as oportunidades que me foram oferecidas para eu aprender cada vez mais, pelos cursos aos quais tive a chance de fazer, pelos eventos que participei e organizei e também, jamais poderia esquecer, pelo R.U. e a

torta de R\$1,00. Enfim, a convicção de pertencimento a esta Universidade é um elo afetivo sincero e autêntico e fará falta na minha rotina diária.

Não poderia deixar de agradecer também ao Museu Théo Brandão onde tive a oportunidade de ser bolsista e aprender muito. O museu tem todo o meu amor e minha paixão, obrigada pela sensação de “estar em casa” sempre. Agradeço também a toda a equipe que esteve comigo durante esses dois anos e que me proporcionaram os melhores momentos que eu poderia ter nesse lugar que tem o meu carinho eterno.

Sou grata também ao SESC e toda a equipe da sua Biblioteca Central onde tive a chance de estagiar. Sem dúvidas, essa experiência representou um significativo aprendizado para eu desenvolver e aprimorar noções empíricas fundamentais da carreira profissional à qual almejo seguir contribuindo. Conheci pessoas maravilhosas e tive a chance de crescer muito individualmente. Espero ter proporcionado acréscimos importantes tanto quanto recebi dessa experiência. Muito obrigada!

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus por todos os privilégios que tive e que me levaram a concluir a minha graduação e chegar até aqui. Igualmente, agradeço a mim mesma pelos esforços feitos durante todos esses anos, por não desistir do que realmente importa e por ter concluído esse ciclo.

A todas e todos que, diretamente e indiretamente, me instigaram ou influenciaram nesse trabalho. A essas pessoas ofereço a minha mais sincera GRATIDÃO!

Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido com a finalidade de problematizar e evidenciar a importância da criação de políticas de acolhimento e de serviços para comunidades marginalizadas, tendo como recorte principal a população transexual, em unidades de informação por meio do protagonismo social no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Este trabalho acadêmico buscou provocar reflexões acerca do papel do bibliotecário como agente social para o acolhimento e empoderamento da população trans. Dessa forma, utilizando a revisão de literatura e a cientometria, foi realizada uma densa análise crítica e social a fim de contextualizar e compreender a realidade atual dessa população na sociedade, considerando os diferentes aspectos representativos da identidade cultural desses indivíduos. Buscou também investigar a atuação do bibliotecário frente às demandas sociais existentes na atualidade e a capacitação desses profissionais diante das diversidades culturais de seus usuários. A biblioteca universitária foi a unidade de informação utilizada na pesquisa para se considerar políticas de inclusão e acesso, contudo, as medidas propositivas se enquadram em todos os tipos de centros informacionais. Metodologicamente, a pesquisa também verificou e analisou o levantamento dos dados coletados acerca do interesse e tendenciosidade da Biblioteconomia e Ciência da Informação pela produção científica sobre temas relacionados à comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Como resultado, ficou evidente que o interesse acerca da temática proposta ainda é contido e moderado, reforçando a presença do conservadorismo nas duas áreas de conhecimento. Desse modo, conclui-se que é indispensável a reformulação e reestruturação sobre o comprometimento social na Ciência da Informação e na Biblioteconomia e, conseqüentemente, alcançando as bases fundamentais dos seus profissionais.

Palavras-chave: Transexualidade. LGBT. Acolhimento. Protagonismo social. Biblioteconomia. Ciência da Informação.

ABSTRACT

This study has been developed with the goal of problematizing and pointing the importance of the creation of policies to protect and serve the marginalized communities. It has as its main grouping the transsexual population, in information units through social transformation agency in the fields of Librarianship and Information Science. This academic work has sought to provoke reflections regarding to the role of the librarian as a social agent on the protection and empowerment of the Trans population. Thus, by utilizing literature revision and scientometry, this research has performed a dense critical and social analysis, aiming to contextualize and comprehend the current reality of this population in society, considering the different representative aspects of the cultural identity of these individuals. It has also sought to investigate the proceeding of the librarian concerning the social demands that exist in the present times and the training of these professionals when facing the cultural diversities of their users. The information unit that was utilized in the research was the University Library, in order to considerate the access and inclusion policies, however, the purposeful measures fit into all types of informational centers. Methodologically, this research has also analyzed the data survey collected through the scientific production about subjects related to the Lesbian, Gays, Bisexual, Transsexual and Transvestite community, to verify the interest and bias of Librarianship and Information Science. As a result, it was clear that the interest in the proposed subject is still restrained and moderate, reinforcing the presence of conservatism in both these knowledge fields. Therefore, it has been concluded that the reformulation and restructuration over the social commitment on Information Science and Librarianship is indispensable and, consequently, so is reaching the fundamental basis of the fields' professionals.

Key Words: Transexuality. LGBT. Social Transformation. Librarianship. Information Science

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação anual dos artigos publicados em periódicos e eventos científicos

Tabela 2 – Variação anual dos artigos de revistas

Tabela 3 – Distribuição de autorias com publicações em revistas sobre a temática LGBT

Tabela 4 – Coautorias de artigos publicados em revistas científicas com temáticas LGBT

Tabela 5 – Títulos das revistas com artigos publicados contendo a temática LGBT

Tabela 6 – Incidência dos termos LGBT predominantes nos artigos de revistas

Tabela 7 – Afiliação institucional e geográfica das autorias dos artigos de revistas

Tabela 8 – Variação anual dos artigos no ENANCIB

Tabela 9 – Distribuição autorias com publicações sobre a temática LGBT

Tabela 10 – GTs ENANCIB

Tabela 11 – Incidência dos termos LGBT predominantes nos Artigo do ENANCIB

Tabela 12 – Afiliação institucional e geográfica das autorias dos artigos do ENANCIB

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| ARS | Análise de Redes Sociais |
| BBC | <i>British Broadcasting Corporation</i> |
| BRAPCI | Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação |
| C. I. | Ciência da Informação |
| CPDOC/FGV | Escola Superior de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas |
| ENANCIB | Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| FDC | Formação e Desenvolvimento de Coleção |
| GT | Grupo de Trabalho |
| IFRJ | Instituto Federal do Rio de Janeiro |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| LGBT | Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. |
| MEC | Ministério da Educação |
| ODARA | Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| SEJUDH | Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos |
| STF | Superior Tribunal Federal |
| TRANS | Transexuais, Travestis e Transgêneros |
| UFAL | Universidade Federal de Alagoas |
| UnB | Universidade de Brasília |

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA..... | 18 |
| 1.2 PROBLEMA..... | 23 |
| 1.3 OBJETIVOS..... | 26 |
| 1.3.1 Objetivo Geral..... | 26 |
| 1.3.2 Objetivos Específicos..... | 26 |
| 2. METODOLOGIA..... | 28 |
| 2.1 ASPECTOS DESCRITIVOS DA PESQUISA..... | 28 |
| 2.2 LEVANTAMENTO DOS DADOS..... | 30 |
| 3 SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO COM FOCO NA COMUNIDADE TRANS..... | 32 |
| 4 PROTAGONISMO SOCIAL..... | 39 |
| 4.1 REPRESENTAÇÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL..... | 44 |
| 4.2 ACOLHIMENTO COMO PRINCÍPIO..... | 46 |
| 4.3 EMPODERAMENTO COMO RESULTADO DE UM PROCESSO..... | 47 |
| 4.4 ACERVO NA PERSPECTIVA DO PROTAGONISMO SOCIAL..... | 47 |
| 4.5 ORGANIZAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO..... | 50 |
| 5 QUADRO DE INTERESSE TEMÁTICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO..... | 54 |
| 5.1 PUBLICAÇÕES EM REVISTAS DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO..... | 56 |
| 5.2 PUBLICAÇÕES APRESENTADAS NO ENANCIB..... | 67 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 76 |
| REFERÊNCIAS..... | 79 |

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade representa uma característica individual que historicamente desperta os interesses de controles sociais e políticos por instrumentos morais, religiosos e, até mesmo, em âmbitos legais pelas determinações jurídicas. No entanto, é pelo reconhecimento da identidade sexual e de gênero que a sociedade se estrutura culturalmente em valores que prezam pela tolerância para potencializar a diversidade da condição humana.

Contudo, os fatos evidenciam que essa ideia de tolerância social, infelizmente, ainda tem enormes desafios decorrentes do conservadorismo construído em uma moralidade de controle sobre a manifestação da liberdade. Com isso, as múltiplas formas de expressões da identidade humana são tendenciosamente reprimidas pela imposição opressiva de um tradicionalismo retrógrado.

Os valores contidos nessa realidade se consolidaram por meio de um processo histórico alinhado sobre as instâncias estruturais que elaboraram e projetaram as bases fundamentais de uma noção social culturalmente redundante em ideias machistas, patriarcais e sexistas. Assim sendo, prevaleceram-se as adequações heteronormativas sobre a sexualidade aceitando unicamente um padrão binário para reconhecer a identidade de gênero.

Toda essa problemática enraizada na cultura social é reconhecidamente complexa em qualquer perspectiva de análise. Apesar disso, o presente estudo busca provocar reflexões consideradas pertinentes e necessárias em um momento de retrocesso histórico da humanidade ao qual inúmeras tendências intolerantes têm provocado repercussões globais por manifestações explícitas de preconceito e discriminação. Direta e indiretamente, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação (C.I.) não estão imunes a tais afetações estruturais que refletem, de alguma forma, a sua configuração de implicações sociais e, até mesmo, na sua formulação epistemológica.

Seguindo a ideia de refletir a responsabilidade do bibliotecário, tendo como base a sua importância de atuação profissional, é que esta pesquisa elegeu a transexualidade e a biblioteca universitária como elementos fundamentais de seu objeto investigativo. Dessa forma, o presente estudo se

objetiva essencialmente a proporcionar para o leitor uma densa reflexão a respeito do papel social do bibliotecário e também da consciência humanista que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação devem se respaldar para formar seus profissionais e tratar contextualmente de seus objetos investigativos.

Diante desse desafio aqui assumido para cumprir um interesse altamente provocador de transformações individuais e estruturais, considera-se que este trabalho acadêmico vislumbra alcançar a sensibilização profissional para reconhecer a sua comunidade usuária como um complexo espaço de interação que se potencializa socialmente pela construção de identidades diversas. Nessa direção, é oferecido um repertório teórico que visa possibilitar a empatia do bibliotecário para as questões contemporâneas de uma realidade social caracterizada pelas diversidades culturais, identitárias e, sobretudo, das condições humanas.

Ao reconhecer a importância da função social exercida pelo bibliotecário, notabiliza-se o seu exercício profissional que assume institucionalmente um poder para lidar com as complexidades relacionadas à informação em atividades que podem provocar inclusões ou exclusões por meio de ações conscientes ou inconscientes. Logo, o bibliotecário assume um papel de protagonista social ao qual se faz urgente e necessário reconhecer os compromissos de suas competências informacionais. Portanto, o relacionamento profissional do bibliotecário com a sua comunidade usuária deve ser pautado por fatores éticos, mas, acima de tudo, de empatia e acolhimento aos indivíduos que fazem parte desse meio social.

Com isso, o presente estudo destaca a comunidade LGBT¹ (Lésbica, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis) tendo como recorte social as pessoas transgênero e considerando a importância da criação de políticas de acolhimento e inclusão, e também pela oferta de serviços nas unidades de informação, bem como, a capacitação para os profissionais que trabalham na mediação da informação, sendo esta pelos processos implícitos ou explícitos.

¹ Adota-se a sigla LGBT para representar à menção genérica a respeito da sexualidade humana que não se alinha com " Cisgênero: [...] Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer.(REIS, 2018)". Contudo, enfatiza-se como esclarecimento que essa adoção é meramente terminológica e não configura menosprezo com a flexibilidade necessária ao devido tratamento linguístico.

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação são áreas do conhecimento humano que se orientam por tendências conservadoras, segundo Almeida Júnior (2015b) e Vieira (1983). Essa inclinação profissional enraizada em um tradicionalismo histórico reforça a permanência de um estereótipo avesso às mudanças necessárias para se incorporar novas perspectivas sobre o fazer do bibliotecário. Portanto, este estudo busca provocar inquietações visando desencadear atitudes de comprometimento social e instigar transformações estruturais que possam enaltecer a capacidade humanista na atuação profissional do bibliotecário.

Apresentadas as premissas que configuram as bases fundamentais na presente pesquisa, este momento introdutório requer a formalização sintética dos contextos que aqui foram elaborados e estruturados. Seguindo essa concepção sistemática, no capítulo 1 constam os componentes relacionados ao problema de pesquisa, a sua respectiva justificativa motivacional e os objetivos (geral e específicos) que expressam as intenções de trajetórias investigativas.

No capítulo 2 encontra-se o delineamento metodológico utilizado nas etapas procedimentais em que a revisão de literatura foi associada pela pesquisa exploratória e descritiva sobre os dados levantados na fonte eletrônica especializada em Ciência da Informação, a Brapci.

O capítulo 3 dedica-se à sexualidade e identidade de gênero com foco na comunidade trans em que esse tema conta com embasamentos fundamentados em uma ampla e densa revisão de literatura visando oferecer elementos teóricos que problematizam a questão social da transexualidade.

O capítulo 4 se refere a um espaço de aproximação e conexão efetiva dos aspectos relativos à comunidade LGBT, com destaque às pessoas transexuais, e a biblioteca universitária. Assim sendo, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são tratadas a partir do protagonismo social em que o bibliotecário foi repercutido pela ideia fundamentada de acolhimento como princípio estruturante da mediação da informação visando o empoderamento do usuário enquanto sujeito histórico e social.

O capítulo 5 reflete o tratamento oferecido pela Ciência da Informação a partir de pesquisas científicas publicadas em forma de artigos em revistas especializadas da área e no principal evento nacional realizado pelos pesquisadores brasileiros deste domínio de conhecimento. Com isso, constam

os dados levantados na base Brapci que evidenciam numericamente a importância percebida sobre os temas de interesse à comunidade LGBT na Ciência da Informação do Brasil. Por fim, o capítulo 6 que oferece oportunamente as reflexões conclusivas das considerações finais.

Em síntese, pode-se considerar que um tema de pesquisa acadêmica e científica envolvendo a comunidade LGBT se faz oportuno e necessário em qualquer área do conhecimento humano. Mas, ao ser desenvolvido sob a ótica da Biblioteconomia e da Ciência da Informação busca-se enaltecer a importância contemporânea desses domínios de especialidades para articularem envolvimento humanistas de forma mais significativa.

1.1 Justificativa

Nos últimos anos a temática LGBT tem evidenciado sua repercussão com frequentes debates na sociedade contemporânea. A luta ativa pelos direitos da comunidade e a criação de políticas públicas são ações engajadas que trouxeram cada vez mais visibilidade à causa. Nesse sentido, em 2003, o Brasil propôs à Organização das Nações Unidas (ONU) uma resolução universal contra a discriminação de LGBTs. Contudo, apenas no ano de 2011 é que foi instaurado pela ONU uma política de incomplacência em combate às formas de violência e discriminação motivada pela orientação sexual para os países membros da organização (SOARES, 2015).

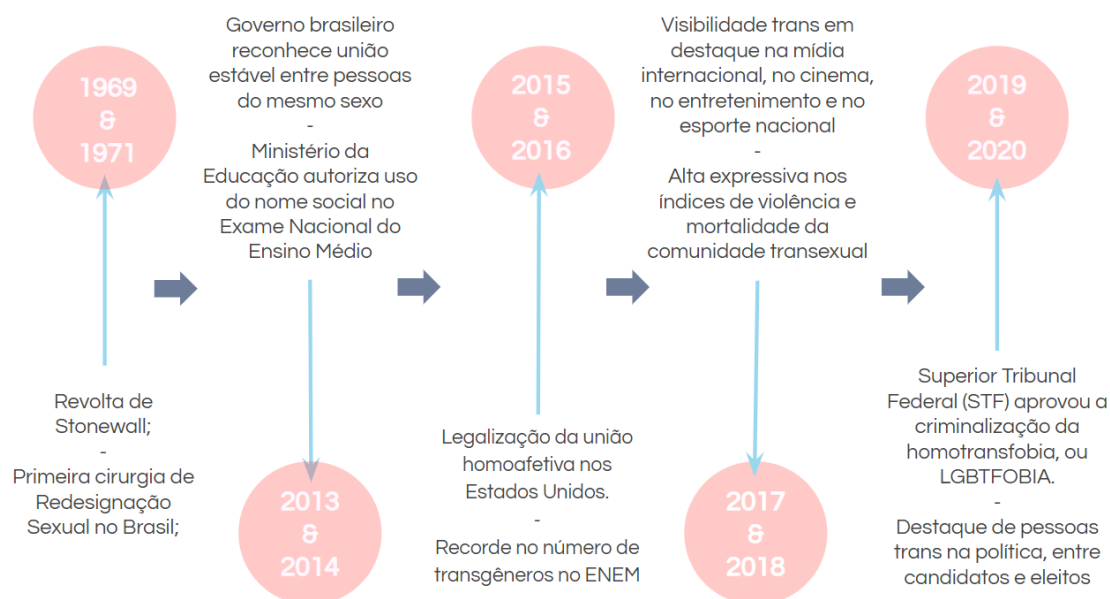
Desde 2013 o governo brasileiro reconhece a união entre duas pessoas do mesmo sexo, contudo, apenas em 2015, com a repercussão causada pela legalização da união homoafetiva nos Estados Unidos, foi que o assunto voltou a ser debatido com afinco na mídia. O reconhecimento e legalização desses direitos sociais se tornou um marco na história da luta pela aceitação da diversidade sexual.

Um outro acontecimento histórico se deu no ano de 2019 quando o Superior Tribunal Federal (STF) votou e aprovou a criminalização da homotransfobia, ou LGBTFOBIA, que enquadra a homofobia e transfobia como crime de racismo e injúria.

Essa conquista, ainda que represente uma situação inicial, tem importante valor simbólico para manter e ampliar as reivindicações por direitos políticos e sociais da comunidade LGBT. Pois, tais garantias fundamentais e coberturas legais são pressupostos relevantes para a implementação de políticas públicas estruturadas em dados e informações estatísticas com foco exclusivo sobre a conjuntura da população LGBT.

Para melhor visualização e entendimento acerca dos principais acontecimentos históricos citados neste trabalho, foi elaborada uma representação gráfica em formato linear e cronológica que evidencia fatos importantes para a trajetória de luta e conquista da população LGBT, em especial a comunidade trans. Destaca-se que a Figura 1 apresenta eventos históricos que se iniciam em 1969, ano que ocorreu a Revolta de Stonewall, até recentemente em 2020, onde a população trans conquista cada vez mais espaços nas diversas esferas da sociedade contemporânea.

Figura 1 - Cronologia de fatos históricos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Ressalta-se que o início do movimento LGBT se deu no dia 28 de junho de 1969 pela Revolta de Stonewall, fato ocorrido na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Foi nesse momento histórico que diversos LGBTs

protagonizaram um ato de grande repercussão internacional com protestos e resistência para combater as ações violentas praticadas pela polícia da cidade.

Assim, esse acontecimento é reconhecido como um marco das mobilizações globais que reivindicam políticas de respeito e tolerância à população LGBT de todo o mundo. Contudo, é importante destacar que anteriormente à Revolta de Stonewall em Nova York já haviam registros de outros atos em defesa da diversidade de gênero e sexual. Nesse sentido, Soares (2015) aponta a ocorrência de atos com menor impacto e visibilidade que antecederam a Revolta de Stonewall e que ocorreram em países como a Alemanha, Europa Central e em nas cidades dos Estados Unidos.

Ainda segundo Soares (2015), no Brasil, o movimento se deu no fim dos anos de 1970, em meio à Ditadura Militar. O grupo de ativistas que liderava as reivindicações políticas era formado em sua maioria por homens gays. Diante das lutas iniciadas, ocorreu a participação de feministas e organizações do movimento negro que se juntaram à articulação LGBT, que teve como ponto inicial a desconstrução da sexualidade e o empoderamento das identidades.

A respeito da transexualidade no Brasil, é importante destacar que a primeira história envolvendo uma pessoa transexual no Brasil aconteceu em 1971, quando o médico Roberto Farina operou a transexual Waldirene Nogueira, sendo assim o brasileiro pioneiro em procedimentos de redesignação sexual.

A história de Waldirene é triste e repleta de desventuras. Ela conheceu o preconceito e a discriminação desde cedo, quando criança permanecia separada dos irmãos e irmãs. A violência e o desrespeito com o seu corpo e identidade pessoal sempre esteve presente, desde a ingestão de hormônios masculinos forçada pelos pais, até a violação da sua dignidade e do seu corpo por parte da polícia e do IML ao ser submetido a um exame de corpo de delito para comprovação do seu pertencimento ao gênero e sexo feminino.

Waldirene não foi a primeira pessoa transexual no Brasil, mas foi a primeira a passar pelo procedimento cirúrgico para a redesignação sexual.

No ano de 2014, o Ministério da Educação (MEC) autorizou que transexuais e travestis pudessem fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) usando o nome social da sua escolha. Essa medida logo ocasionou o aumento no número de candidatos trans na prova para ingressar no ensino superior.

No contexto internacional, em 2016, chegou às telas de todos os cinemas do mundo o filme “A garota Dinamarquesa”, um romance profundo e intenso que revela a história da primeira mulher transexual a fazer a cirurgia de mudança de sexo. A história de Lili Elbe foi real e um símbolo de determinação e coragem em plena Copenhague de 1926.

A mídia comunicativa esteve repleta de notícias e acontecimentos envolvendo a comunidade trans. Em 2015, diversos canais de comunicação deram enfoque à revelação de que Caitlyn Jenner, até então Bruce Jenner, ex-atleta olímpico, assumia sua transexualidade. A sua mudança de gênero foi assistida e noticiada sob os olhos do mundo inteiro. A série de TV americana *Orange Is The New Black* estreou em 2013 trazendo em seu elenco Laverne Cox, atriz transexual que interpreta uma presidiária negra também transexual.

Em 2018, o maior prêmio do cinema internacional, o Oscar, apresentou entre seus concorrentes a atriz Daniela Vega e o cineasta Yance Ford, ambos transgêneros. Daniela foi protagonista do filme “Uma mulher fantástica” que ganhou a estatueta de melhor filme em língua não inglesa. O curta-metragem retrata a história de uma mulher transexual que passa a ter de lidar com a morte repentina do namorado e manifestações de preconceitos e intolerâncias vindas da família do parceiro. A participação da atriz na cerimônia repercutiu na mídia como um marco na história da premiação.

No contexto nacional, em 2017, a Rede Globo de TV exibiu, em seu horário nobre, a telenovela “A força do querer”, que abordou em seu enredo a temática transexual, além de trazer no elenco a atriz Maria Clara Spinelli, mulher trans, que interpretou uma personagem feminina e cisgênera.

A trama escrita por Glória Perez debateu sobre a sexualidade, preconceitos sociais e conflitos psicológicos ao apresentar uma jovem, Ivana, que se descobre transexual e protagoniza ao longo da ficção a transição do feminino para o masculino. Naturalmente, a polêmica da temática foi amenizada e rebuscada de humor com a personagem travesti Elis Miranda e outros enfoques que permitiram repercussão na mídia a respeito da transexualidade.

Já no ano de 2018, outra atriz transexual foi contratada para protagonizar mais uma narrativa da emissora. A atriz Gabriela Loran estreou em *Malhação* interpretando uma professora de dança transsex. A série que trata de assuntos pertinentes ao universo jovem se desenvolve com discussões de temas

polemizados no seu enredo, e aborda pela primeira vez a questão da transexualidade no ambiente juvenil e em horário pouco convencional para tratamento de questões polêmicas ao interesse sociocultural.

Em 2019, outra personagem transexual toma a novela do horário nobre da Globo. Britney é a personagem vivida por Daniela Garcia que é atriz e também é uma mulher trans na vida real. A personagem, que faz parte do núcleo cômico da novela, tem como principal dilema a aceitação e preconceito nas relações amorosas vividas.

Os anos de 2018 e 2019 também contou com muitas produções envolvendo a temática LGBT no maior *streaming* de séries e filmes da atualidade, a *Netflix* que conta com dezenas de obras, de produção própria e adquiridas para exibição, que tratam de questões ligadas à diversidade e pluralidade da sexualidade humana.

Representatividade e posicionamento foram palavras que estiveram muito presentes nesses dois últimos anos. Grandes marcas, nacionais e internacionais, se posicionaram a favor da comunidade LGBT abertamente, diversos setores de inúmeras indústrias promoveram a causa em suas publicidades comerciais e produziram produtos direcionados ao público LGBT.

Vale destacar também o ano de 2017 que contou com a representatividade trans no esporte nacional e mundial. Tiffany Abreu, de 33 anos, foi convocada para integrar a Superliga de Vôlei Feminina, considerada a elite da modalidade no país, tornando-a, assim, a primeira transexual a atuar na categoria em âmbito nacional. Com desempenho singular e evidente, a atleta conquistou um lugar na seleção nacional de vôlei feminina em 2018. O futebol e o halterofilismo também dispuseram do talento de atletas transexuais e transgêneros.

Diante desses marcos e acontecimentos é inegável a atualidade e importância dessa temática na sociedade contemporânea. Considerando que o profissional bibliotecário deve estar aberto à diversidade sexual e de gênero para contemplar a inclusão como princípio profissional sem a antecedência de julgamentos ou a concepção de (pré) conceitos, pois, como aponta Soares (2015) os bibliotecários [são] como agentes potencializadores para mudanças sociais e transformações pessoais para a comunidade.

Assim, se faz necessário o conhecimento e a competência desses indivíduos que trabalham com a informação para acolher seus usuários reais e potenciais, independentemente de credo, etnia, cor, sexualidade, gênero, classe social, nacionalidade e opinião política.

1.2 Problema

A transexualidade é uma condição humana que se manifesta pela identidade de gênero para determinar o auto-entendimento social do indivíduo. Tal circunstância implica em uma relação de conflito entre a identidade de gênero com o sexo biológico. É comum que cada pessoa seja classificada de acordo com a forma física de seu nascimento. Assim, o gênero é conferido conforme a genitália correspondente para se categorizar entre masculino e feminino. A partir desse momento a construção social é responsável pelo agrupamento dessas pessoas, de acordo com o seu gênero binário.

Desse modo, em conformidade com a construção social heteronormativa intrínseca, prevalece uma lógica onde meninos e meninas passam a ter educação diferenciada, perspectivas de vidas distintas, e exigências sociais desiguais. Aos que sofrem com a dissociação física e psicológica cabe ainda mais desigualdades. A descoberta e aceitação dessa condição pode acontecer desde os primeiros anos da infância até a idade mais avançada, tardiamente, quando muitos indivíduos já se encontram com suas vidas completamente desenvolvidas e estruturadas.

É cada vez mais recorrente a consciência prematura da identidade de gênero em que a manifestação da transexualidade se faz percebida. Nesse sentido, crianças ainda na fase de desenvolvimento assumem não se identificar com os padrões heteronormativos impostos pela construção social. Grande parte dessas crianças acabam passando pela transição durante a fase da adolescência que, além de ser o período de maior carga hormonal, é também a mais complexa da construção psicológica do indivíduo. É nessa etapa da puberdade que as crianças e os adolescentes ficam expostos ao *bullying* e às demonstrações de preconceito.

Segundo o artigo publicado por Jim Reed (2018) em um dos mais renomados veículos de comunicação e informação do mundo, o website da *British Broadcasting Corporation* (BBC), o número de crianças e adolescentes menores de 18 anos que procuraram clínicas especializadas e optaram por tratamentos hormonais cresceu, a exemplo do *Tavistock and Portman NHS Foundation Trust*, centro de referência no Reino Unido ao se tratar de questões de gênero, que teve um aumento de 25% no ano anterior a publicação do artigo supracitado.

Reed (2018) declara que, de acordo com os médicos do mencionado centro de referência não existe fundamento absoluto para esse aumento, contudo, reconhece que é crescente também a compreensão e conscientização das novas opções de tratamento existentes pelos indivíduos trans, bem como o reconhecimento e aceitação dessas pessoas na sociedade.

Em relação à transexualidade, assumir socialmente a identidade de gênero se torna um processo complexo e árduo. Comumente, há casos de jovens que passam a encarar situações de abandono ao serem expulsos de casa em decorrência de rejeições domésticas. Logo, esse desamparo familiar favorece as condições de evasão escolar, pois, enquanto estudantes sofrem atos de discriminação e intolerância por parte do corpo docente, discente e, até mesmo, da coordenação.

O abandono e a marginalização dessas pessoas na sociedade implica na redução drástica de suas opções para sobrevivência. Em tal circunstância, a prostituição e a criminalidade são infortúnios que se apresentam como oportunidades de renda, mesmo com os predominantes riscos envolvidos. Esse ciclo contínuo de desigualdade sentencia os indivíduos trans a viverem sem dignidade e sem acesso aos direitos civis básicos, privando-os até mesmo do seu direito de escolha.

Há aqueles que conseguem terminar o ensino formal e, até mesmo, ingressar em uma universidade, contudo, daí em diante surge o desafio da permanência no ensino superior para concluir a graduação. Nesse sentido, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), instituto vinculado ao Ministério da Educação (MEC), o número de transgêneros a adentrarem ao sistema de ingresso as universidades e, conseqüentemente, na comunidade acadêmica tem crescido gradativamente

nos últimos anos (INEP, 2016). Tais resultados, direta ou indiretamente, refletem a eficiência das políticas direcionadas à comunidade transexual.

O ano de 2014 foi marcado por uma vitória valiosa para a população LGBT. Pela primeira vez, candidatos travestis e transexuais obtiveram o direito de solicitar o uso do nome social para fazer a prova de admissão às universidades brasileiras, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Entretanto, essas instituições ainda não apresentam condições adequadas e satisfatórias, com interlocuções efetivadas entre seus setores para minimizar os efeitos nocivos da discriminação e do preconceito. Em tal aspecto, também constam as bibliotecas que ainda não dispõem de material informacional, equipe social e politicamente capacitada ou estrutura apropriada para atender alunos e/ou pesquisadores transexuais.

Os serviços que integram as bibliotecas acadêmicas têm por objetivo o apoio ao ensino, pesquisa e extensão para com o público acadêmico em geral e a comunidade em que está inserida a instituição. Tais serviços oferecidos nessas unidades de informação servem apenas para apoio da disseminação do conhecimento acadêmico, como por exemplo, o serviço de empréstimo domiciliar; a consulta local e virtual do acervo; a reserva de material informacional; o repositório institucional; dentre outros.

Dada a relevância do contexto acadêmico, a ideia de biblioteca universitária deve incluir conceitos que incorporem as diversidades e os princípios de acesso livre à informação para a liberdade de expressão pautada pelo acolhimento e à inclusão. Contudo, ao analisar delicadamente o formato e serviços oferecidos por essas bibliotecas é constatado que tais unidades de informação tornam-se exclusivas quando grupos específicos de pessoas se propõem a fazer o uso desses mecanismos imprescindíveis à formação. Enumeram-se a algum grau das exclusões sociais grupos de pessoas analfabetas, ou com baixa escolaridade, indivíduos sem proficiência em outros idiomas, pessoas que não possuem habilidades com tecnologias digitais, portadoras de necessidades especiais e até mesmo, com transtornos cognitivos.

Sendo a universidade uma instituição de ensino superior responsável pela formação e desenvolvimento das capacidades do indivíduo, que o potencializa à cidadania e interferências profissionais, cabe a ela tornar o seu ambiente acolhedor, diversificado e inclusivo. Para isso, é necessário um trabalho

integrado entre os seus principais setores. Diante dessa percepção, indaga-se o papel das bibliotecas.

Assim, este trabalho acadêmico tem como base do seu problema de pesquisa os seguintes questionamentos: de quais formas as bibliotecas universitárias devem atuar para corresponder às necessidades desses usuários? Quais orientações propositivas, que priorizem a dignidade da pessoa humana, podem orientar a base estrutural das políticas de serviços voltadas à inclusão e acolhimento em bibliotecas universitárias?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Promover uma reflexão acerca da necessidade e importância da implantação de políticas de acolhimento e inclusão por meio do protagonismo social a fim de garantir o respeito e a dignidade dos indivíduos, considerando todas as manifestações de diversidades, social e sexual, que estão presentes na sociedade atual, com ênfase nos aspectos da transexualidade.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Questionar o papel do bibliotecário e das unidades de informação frente às diversidades de seus usuários, considerando suas particularidades, necessidades e carências.
- Refletir acerca do papel das bibliotecas universitárias e das instituições de ensino para a criação de políticas de acolhimento e políticas de permanência para os usuários que fazem parte de comunidades consideradas minorias.
- Analisar o conservadorismo presente na Biblioteconomia e Ciência da Informação frente às novas construções sociais em que se pauta a sociedade e seus indivíduos atualmente e como esse movimento tradicionalista afeta o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos a respeito da temática LGBT.

- Contextualizar a temática LGBT, com ênfase na comunidade transexual, no cenário global a fim de expor a contemporaneidade da temática e proporcionar a reflexão a respeito da competência que as áreas de conhecimento devem possuir para atender e acolher esses novos grupos de usuários.

2 METODOLOGIA

O planejamento metodológico utilizado na presente investigação se baseou no emprego sistemático de duas técnicas, que são: revisão de literatura e cientometria.

Para os devidos esclarecimentos, a revisão de literatura aqui elaborada permeou por análise teórica de dois eixos estruturais, sendo: 1) definições conceituais da realidade contextual e 2) embasamentos e exploração descritiva em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Assim, integraram-se à revisão de literatura as tipologias bibliográficas que compreenderam essencialmente artigos científicos e livros técnicos. Desse modo, ambos os eixos estruturantes que serviram de categorização sistemática ofereceram repertórios com enfoques de direcionamento dos aspectos fundamentais contidos nas discussões aqui apresentadas.

Visando melhor oferecer os esclarecimentos para os detalhes procedimentais utilizados nesta pesquisa segue abaixo a caracterização das particularidades sistemáticas que foram envolvidas.

2.1 ASPECTOS DESCRITIVOS DA PESQUISA

Primeiramente, se faz necessário enfatizar e reafirmar que o assunto contemplado na presente pesquisa foi criteriosamente direcionado aos aspectos sociais da comunidade LGBT, com enfoque nos indivíduos transgêneros.

A pesquisa apresentada neste trabalho de conclusão de curso se caracteriza como qualitativa com propriedades exploratória-descritiva. Logo, a revisão de literatura assumiu grande importância para o desenvolvimento desta investigação por contribuir com noções fundamentais sobre o estado da arte do problema de pesquisa. Assim sendo, houve uma preocupação com o tratamento linguístico utilizado e suas respectivas terminologias referenciais. Para tanto, recorreu-se à literatura especializada a fim de se identificar as propriedades linguísticas dos significados predominantes e/ou consensualmente aceitos nas publicações e sua comunidade discursiva. Tais aspectos teóricos foram estruturados por definições contidas nas partes iniciais deste trabalho que ficou sistematicamente identificadas como categoria de análise referente aos aspectos

conceituais da realidade contextual.

Vale ressaltar que as caracterizações qualitativas contidas nesta investigação decorrem exatamente das análises e argumentações extraídas a partir da ampla revisão de literatura que aqui foi sistematicamente empregada.

No âmbito da pesquisa exploratória e descritiva foram utilizados os levantamentos de dados estatísticos de publicações científicas que compreenderam os domínios de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ressalta-se que tais levantamentos foram extraídos diretamente na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) tendo como recorte temporal o período de 2004 a 2019.

Assim, as publicações foram levantadas a partir de artigos indexados na referida base e compreendendo a comunicação científica registrada em revistas especializadas em Ciência da Informação e no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB).

A revisão de literatura aplicada ao contexto da Biblioteconomia se deu essencialmente pela identificação de publicações científicas relacionadas ao protagonismo social e mediação da informação tendo o bibliotecário como profissional a contribuir nas atividades oferecidas e desenvolvidas pelas unidades de informação. Com isso, ampliou-se a perspectiva de análise das revisões de literatura tendo como desdobramento as publicações desta área em que os respectivos temas exploraram essencialmente sobre o protagonismo social e mediação da informação. Logo, tais configurações de análise compreenderam a categoria voltada aos **embasamentos e exploração descritiva em Biblioteconomia e Ciência da Informação**.

Ressalta-se que os aspectos do protagonismo social e da mediação da informação explorados nas revisões de Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre as competências bibliotecárias contribuíram para o desenvolvimento de uma perspectiva aqui denominada de acolhimento, atitude que visa a possibilidade de empoderamento do usuário pela valorização social da sua identidade cultural.

2.2 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Os dados estatísticos analisados por este trabalho acadêmico seguiram modelos sistematizados pelo emprego metodológico e procedimental da cientometria. Desse modo, recorreu-se à base de dados Brapci e justifica-se a sua utilização em decorrência do domínio de especialidade contemplado como fonte de informação eletrônica dedicada exclusivamente à indexação de publicações voltadas à Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Se faz importante destacar que entre os critérios utilizados para a seleção das publicações analisadas neste levantamento não houve qualquer limitação avaliativa das revistas científicas, a exemplo do Qualis Periódico. Pois o levantamento se pautou unicamente em identificar as publicações em formato de artigo científico que tinham termos específicos da comunidade LGBT e que foram utilizados como estratégia de busca.

Outro aspecto que merece ser aqui esclarecido se refere às publicações do ENANCIB. Desse modo, buscou-se ampliar a verificação dos interesses de publicações científicas da área de Ciência da Informação sobre as questões pertinentes à comunidade LGBT e, com isso, foram incluídos os artigos indexados na referida base de dados e que são registrados no ENANCIB como meio de comunicação científica.

Especificamente sobre a fronteira da temporalidade utilizada como recorte do período de investigação se faz importante reafirmar que essa particularidade compreende os anos de 2004 até 2019. Justifica-se a utilização dessa determinação temporal em que 2004 foi iniciado por ser um marco identificado pela primeira publicação de artigo sobre o tema LGBT em Biblioteconomia e Ciência da Informação e 2019 se refere ao último ano finalizado na antecedência do levantamento em questão.

Os termos utilizados no presente trabalho foram determinados por um processo de identificação específica caracterizado por minucioso levantamento na literatura especializada. As terminologias utilizadas foram: LGBT, Gay, Lésbica, Transexual, Bissexua, Travesti, Transgênero, Homossexual, Queer, Assexual, Heterossexual, Cisgênero, Drag Queen, GLBT, GLS.

Com isso, percebe-se claramente que foram recorridas as expressões de ocorrência coloquial no vocabulário da comunidade LGBT por representar socialmente seus indivíduos, assim como os termos utilizados para a classificação de pessoas cisgêneras e heterossexuais.

Outro aspecto que merece ser aqui esclarecido se refere às evoluções e mudanças ocorridas nos termos. Mas, que aqui também foram levadas em consideração a fim de se precisar o registro da primeira publicação de artigo científico em Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre assuntos relacionados à comunidade LGBT. Vislumbra-se que o ser humano é um indivíduo complexo e que sofre com as metamorfoses da sociedade e civilizações existentes, permitindo, desse modo, que sejam seres mutáveis e o quanto isso tenha impactado o interesse de publicações científicas nos domínios de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dessa forma, identificou-se que algumas palavras e expressões caíram em desuso social no transcorrer dos anos ou simplesmente não acolhiam mais as novas percepções individuais e coletivas da comunidade LGBT.

As terminologias utilizadas individualmente nas respectivas estratégias de buscas que se basearam neste levantamento de dados estão arroladas na Tabela 6, em relação às revistas científicas, e na Tabela 11, referente ao ENANCIB. Logo, foram recuperados 31 artigos publicados em revistas científicas e dez artigos de pesquisas apresentados no ENANCIB.

A verificação da frequência do uso de cada um dos termos supracitados é importante para a análise social da comunidade que é extremamente plural e diversificada, possuindo demandas e necessidades diferentes. Pois, se entende que problemáticas como machismo, racismo, transfobia, xenofobia, preconceitos e discriminações que alcançam até mesmo o caráter econômico também estão presentes nestes recortes de grupos sociais, bem como, na sociedade em geral e que reflete, direta e indiretamente no contexto científico, inclusive na Ciência da Informação que lida com fatores teóricos e empíricos de fluxos, gestão, organização e representação da informação e do conhecimento.

3 SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO COM FOCO NA COMUNIDADE TRANS

Para o melhor desenvolvimento do tema seguem os devidos esclarecimentos conceituais. Nesse sentido, adota-se a definição de Bento

(2008, p.19) para expressar clareza de que transexualidade refere-se a “[...] uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”. A amplitude da transexualidade perfaz à ideia do cisgênero no contemporâneo. Desse modo, o conceito que expressa definição a respeito baseia-se no entendimento de que:

CISgênero são pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído pelos pais, médicos e pela sociedade quando do nascimento do indivíduo. São pessoas que, quando a medicina identificou por meio de seus órgãos genitais, por exemplo um pênis, e com isso foi denominado de menino ou homem, não se opôs a isso quando de sua conscientização enquanto sujeito de direito e, desta forma, mantém o seu gênero como homem (PARÁ, 2017, p. 14).

Os conceitos de transexualidade, travestilidade, transgênero, identidade de gênero, gênero e orientação sexual permanecem ainda bastante entrelaçados, de modo que grande parte da sociedade encara como termos semelhantes e de mesma representação de sentido. Santos (2015, p. 212) é categórico ao afirmar que as bibliotecas brasileiras “[...], em geral, manifestam pouco ou nenhum interesse em lidar com corpos e desejos fora da norma.”

É importante esclarecer e acrescentar que objetivou-se neste capítulo a apresentação desses conceitos por meio de diferentes percepções e perspectivas de distintos autores.

Para Butler (1990 *apud* BENTO, 2008, p. 20) a transexualidade, travestilidade e transgêneros são termos identitários que revelam divergência com as normas de gênero uma vez que elas são construídas no diformismo, na heterossexualidade e nas idealizações.

Jesus (2012, p. 15) determina a transexualidade como um “Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento”. Vale destacar que Jaqueline Gomes de Jesus é professora de psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), doutora em psicologia social do trabalho e das organizações pela Universidade de Brasília (UnB), pós-doutora pela Escola Superior de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) no Rio de Janeiro e pesquisadora-líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (ODARA) no IFRJ. Exemplo de mulher trans que superou as adversidades por meio da sua própria resistência e contra as estatísticas brasileiras. Pois, infelizmente, o Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de pessoas

travestis e transexuais, é o país que mais mata LGBTs no mundo. Neste sentido, se considera relevante mencionar que a expectativa de vida de uma pessoa transexual no Brasil é de apenas 35 anos de idade, enquanto as estimativas nacionais apontam taxas de 73 anos de vida (BRASÍLIA, 2017).

Dando continuidade às reflexões conceituais em que a autora Bento (2008, p. 183) sustenta a definição do termo transexualidade de forma mais complexa, como:

[...] a dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independente da realização da cirurgia de transgenitalização.

Em ambas as citações apresentadas o conceito de transexual se aproxima das características predominantes na literatura científica brasileira. Em análise de artigos, teses e textos recentes, constatou-se a evolução do entendimento do significado de transexualidade e a equivalência desses conceitos entre diversos autores de diferentes domínios do conhecimento.

Ao se tratar de transgêneros, encontramos concepções similares entre si e de certa forma que se assemelham às definições anteriores. O Estado brasileiro, por meio do seu Ministério da Saúde, define que a terminologia transgênero engloba as concepções de travestis e transexuais. Nesse aspecto, o referido órgão governamental considera o transgênero como “[...] um homem no sentido fisiológico, mas se relaciona com o mundo como mulher” (BRASIL, 2004, p.30).

No entanto, este entendimento apresentado não é unânime. Pois, como considera Jesus (2012, p.15) a definição de transgênero configura a um “[...] conceito ‘guarda-chuva’ que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”.

A autora supracitada também define o termo travesti como a “Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher. [...] Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo ‘a’ é a forma respeitosa de tratamento.” (JESUS, 2012. p. 16). Em alguns textos o debate pressupõe que o termo travesti, na sua totalidade, está ligada à questão econômica e social desses indivíduos. Outros encaram a palavra como depreciativa em razão da

expressão estar ligada à prostituição, pobreza, marginalização e o isolamento dessas pessoas diante à sociedade e políticas governamentais de inclusão e acolhimento.

É notável que:

A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo, em grande parte, excluídas das escolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo (JESUS, 2012, p. 16).

Considerando a necessária analogia da concepção conceitual sobre transexualidade adotada pelo Ministério da Saúde e apresentado por Jesus (2004; 2012), entende-se que transgênero é um termo geral, que em sua abrangência incorpora os termos específicos “transexual” e “travesti”.

Assim, o presente trabalho adota como entendimento fundamental que transgênero se refere essencialmente a pessoa que não se identifica com o gênero atribuído ao nascer. Portanto, a sua identidade de gênero é oposta à sua forma biológica, logo, o transexual, diferentemente do travesti, não se reconhece de forma alguma com a estrutura biológica do seu corpo. Já as travestis, transitam sem conflitos psicológicos pelos gêneros. Apesar de ter a maior identificação com as particularidades do gênero feminino, elas não abdicam totalmente das singularidades do gênero masculino.

Outro exemplo de similaridade que vulgarmente se faz de forma equivocada é a equiparação das definições de orientação sexual e identidade de gênero. Muitos acreditam que por ser transexual ou transgênero o indivíduo efetivamente já se encontra na condição de homossexual, contudo, sabemos que isto não é uma regra. Certamente essa ambivalência de sentido ocorre devido a prática social de se atribuir rótulos, ou seja, efetuar classificações. No entanto, a exigência das definições sobre os indivíduos resulta em desordem mental generalizada em pessoas leigas ao tema, uma vez que as indagações do tipo “mas se ela nasceu menina mas se vê como menino ela vai gostar de menina? Ela será gay?” tornaram-se questionamentos frequentes e comuns. Essas pré-concepções evidenciam a conveniência de padrões normativos estabelecidos em formações cisgêneras.

Para Jesus (2012, p. 14) a identidade de gênero trata da referência com a qual a pessoa se identifica podendo essa condição ir de acordo com o sexo

biológico ou não. Segundo a autora, identidade de gênero se difere de sexualidade, são conceitos que “não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero”. (JESUS, 2012, p. 24)

O Conselho Nacional de Combate à Discriminação (BRASIL, 2004, p.25) trabalha o conceito de que identidade sexual

É o conjunto de características sexuais que diferenciam cada pessoa das demais e que se expressam pelas preferências sexuais, sentimentos ou atitudes em relação ao sexo. E identidade sexual é o sentimento de masculinidade ou feminilidade que acompanha a pessoa ao longo da vida. Nem sempre está de acordo com o sexo biológico ou com a genitália da pessoa.

É importante esclarecer que orientação sexual ou sexualidade trata-se da atração sexual e afetiva que um indivíduo sente por outro, seja por uma pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto. Nesse sentido, tal característica refere-se aos desejos, sentimentos e relacionamentos entre pessoas.

A autora Jesus (2012, p.15) identifica como compreensão de orientação sexual a “[...] atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero”. Portanto, refere-se a um aspecto específico da personalidade individual. Já o Ministério da Saúde define a orientação sexual como:

[...] atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num *continuum* que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade (BRASIL, 2004, p. 25).

Assim, tal aspecto lida com a conexão existente entre indivíduos que se relacionam de forma sexual e/ou emocionalmente. É uma necessidade básica do ser humano, está relacionada com o contato, intimidade e a forma de sentir. Todavia, é a referência emocional envolvida no relacionamento afetivo entre pessoas.

Segundo Silva (2012, p.35) “[...] a sexualidade é algo que está por natureza, inseparavelmente ligada ao ser humano, logo as manifestações da sexualidade se dão todos os dias de nossa vida, em todos os momentos”. Sendo assim, a sexualidade é uma característica nata do indivíduo, bem como o gênero se faz igualmente um aspecto intrínseco e próprio do ser humano. Tais

particularidades consistem em identificação pessoal e emocional e a forma como cada indivíduo vai se relacionar com os demais perante as imposições sociais.

Nessa perspectiva, a identidade de gênero identifica o sujeito sendo homem, mulher ou não-binária, a partir dessa definição passa a ser atribuída às pessoas a classificação sobre a sua sexualidade, de acordo com o gênero que o indivíduo se relaciona, sexualmente e/ou emocionalmente.

Por fim, apresenta-se uma breve reflexão teórica a respeito do conceito de gênero. Adota-se a definição de Martins; Menezes e Neto (2016, p. 949) que consideram referir ao

“[...] conjunto de representações sociais e culturais construídos a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero desenvolveu-se a noção de masculino e feminino como construção social.”

Para Jesus (2012, p. 14) o gênero é a referência de classificação subjetiva e dotada de atributos socialmente construídos. A Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH) (PARÁ, 2017, p. 9) declara que o gênero é caracterizado por ser uma construção social e que o nenhum indivíduo nasce com ele, diferentemente do sexo biológico, essa referência heteronormativa social só é atribuída ao sujeito após o seu nascimento.

Portanto, a ideia de gênero consiste em padrões para se definir o papel e as expressões do indivíduo independentemente do sexo. Jesus (2012, p. 24) ainda destaca outro termo relacionado à questão que é a “**expressão de gênero**” para se referir à “Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero”. Logo, corresponde à manifestação consciente e inconscientemente, de afirmar características específicas que apresentam a sua referência de gênero.

Para melhor esclarecimento a respeito do uso correto dos termos e nomenclaturas, segue abaixo os conceitos de mulher transexual e homem transexual, assim como, a aplicação dos pronomes.

Compreende-se por Mulher Trans a pessoa que se identifica sendo do gênero feminino e que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher, embora tenha sido biologicamente designada como homem e/ou do gênero masculino; Já o Homem Trans, é aquela pessoa que se identifica com o gênero

masculino e que reivindica o reconhecimento social e legal como homem, mesmo tendo nascido biologicamente mulher. (JESUS, 2012; REIS, 2018)

Adotar as expressões de tratamento para se referir às pessoas da comunidade trans é uma prática ideal de valorização da cidadania e respeito aos direitos básicos do ser humano. Assim, é de grande importância que **as** travestis sejam tratadas de acordo com o gênero no qual elas se identificam e que seja feito o uso correto dos pronomes.

Dada a complexidade do tema, reconhece-se que a sociedade humana é formada por uma diversidade de grupos, tipos e características em que a interatividade se dá pelo predomínio de alguns aspectos para sobrepor padrões em detrimento de exclusões. Neste sentido, Reis (2018, p. 17) acrescenta ao debate sua percepção de gênero como algo

[...] criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana, levando em consideração, no entanto, que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos.

Dentre os inúmeros grupos sociais que são estigmatizados como minorias constam aqueles constituídos por gêneros sexuais. Assim, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras denominações que remetem à ausência dos padrões heteronormativos instituídos pelo moralismo socialmente estabelecido consistem em manifestações discriminatórias de anormalidades. Logo, tais aspectos são rejeitados na sociedade e isso implica no acesso à capacitação de habilidades e no ingresso escolar com dificuldades de convivência e permanência nos ambientes educacionais. Pois a aceitação nem sempre ocorre de forma harmoniosa, receptiva e acolhedora. Afinal, tais experiências sociais da vida escolar e, até mesmo acadêmica, expõem manifestações de preconceito e discriminação que ocasionam, inclusive, situações de violências psicológicas e/ou físicas. Lamentavelmente, esse processo de rejeição social resulta em um grande número de evasão na formação educacional, o que contribui para a marginalização dessas pessoas no cotidiano econômico e sociocultural.

Com isso, a realidade de poder cursar uma graduação se torna improvável, principalmente para pessoas da comunidade trans. Pois:

Travestis e transexuais sempre estiveram na ponta de lança dos preconceitos e das discriminações existentes no Brasil com a população LGBT. Isso ocorre porque essa população ostenta uma

identidade de gênero diversa da imposta pelos padrões heteronormativos, em que homem é homem e mulher é mulher, e qualquer coisa que fuja dessa norma é encarada com estranhamento. No caso de trans, esse estranhamento se traduz em assassinato dessa população.(BRASIL, 2015)

As universidades públicas, em geral, são compostas também pelas individualidades do seu corpo acadêmico, e torna-se, para muitos desses sujeitos, um lugar de luta e de fala. Espaço onde jovens de todos os lugares podem discutir a respeito das singularidades existentes, e no qual pessoas que são marginalizadas podem ocupar os espaços que também pertencem ao seu direito para desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e habilidades profissionais.

Finalizado os devidos esclarecimentos acerca dos conceitos e definições de sexualidade, identidade de gênero e transexualidade, que entende-se como uma condição humana, direciona-se a discussão do próximo capítulo para a importância do protagonismo social e do acolhimento da comunidade usuária por meio de serviços oferecidos pelas unidades de informação. Desse modo, elaboram-se fundamentações pertinentes à composição de orientações propositivas a serem oferecidas nas políticas de serviços de bibliotecas universitárias.

4 PROTAGONISMO SOCIAL

Conceitualmente adota-se a definição de protagonismo social que Gomes (2019) atribui à consciência de pertencimento dos indivíduos inseridos em um determinado contexto histórico e sociocultural. Neste sentido, “[...] representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente [...]” (GOMES, 2019, p. 11).

É importante ressaltar que a expressão “protagonismo social” compreende uma dinâmica multifacetada da qual abre margem de interesse interdisciplinar. Essas abordagens diversificadas oferecem inúmeras contribuições para a formação do seu significado conceitual. No entanto, precede o sentido de representar a “[...] luta por direitos de diferentes naturezas”. (PERROTTI, 2017, p. 13). Logo, o protagonismo se expressa como uma postura de luta e empoderamento pela consciência de sua identidade social.

Deste modo, entende-se que o protagonista social² tem como objetivo provocar mudanças e atitudes no ambiente do qual ele faz parte. Dito isto, reconhece-se que o protagonista é um ator social que representa papel estrategicamente importante em um determinado contexto. Assim, trata-se de um indivíduo que procura estimular ideias e que reconhece no seu próximo a capacidade de intervir no meio social, ocasionando transformações direcionadas às realidades do cotidiano. (FARIAS; COSTA, 2017, p. 4; GOMES; NOVO, 2017, p. 7)

Segundo Gomes (2017, p. 27), “o protagonismo social representa o caminho humanizador do mundo e, portanto, promissor da construção ética de relações sociais capazes de assegurar o espaço crítico, de dialogia, criatividade e alteridade”. Neste sentido, o protagonista intervém socialmente como um mediador consciente do seu papel e da sua função na adversa realidade de atuação.

Vale destacar que o protagonista social luta não somente por igualdade e oportunidades. Em sua essência, esse agente social também atua para que

² Apesar de toda discussão e reflexão apresentadas no atual trabalho a respeito da importância da representatividade e do uso adequado de pronomes pessoais em questões de gênero e identidade, adotou-se o uso generalizado de termos com pronomes masculino em virtude da estrutura gramatical da língua portuguesa, a fim de garantir a fluidez do texto.

outros indivíduos se tornem sujeitos conscientes e empoderados possibilitando articular transformações sociais no meio ao qual pertencem e que ao mesmo tempo desenvolvam o sentimento de pertencimento na sociedade.

Para Perrotti (2017, p. 14), o protagonismo social

Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos. Significa tomada de posição dianteira face a obstáculos que ameaçam a espécie (causados por pessoas, animais, circunstâncias, sentimentos, ideias, preconceitos e etc.). Daí que os protagonistas assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento “contra”, é modo de ser e de estar, de produzir e de cuidar de um mundo comum, habitável e convivial.

Ainda, segundo Perrotti (2017, p. 15), o protagonismo indica um lugar que remete a algo visível e exposto, ou seja, é uma luta que não se dá em ambientes ocultos, íntimos ou privados, pelo contrário, é lugar de evidente visibilidade e com perspectivas inclusivas. Em tal condição, idealiza o pertencimento a todos os indivíduos, isto é, assumindo os espaços e as esferas públicas como lugar de convivência sem distinção.

O bibliotecário pode, e deve, atuar como protagonista social em qualquer esfera da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Esse profissional opera a mediação de forma implícita e/ou explícita para satisfazer as necessidades informacionais de seus usuários, que se encontram inseridos em recortes sociais.

Sendo assim, o papel desse profissional não se resume às ações sociais e culturais, tão pouco, ao serviço de referência e informação. Araújo (2017, p. 130) e Farias (2017, p. 183) reconhecem a importância do protagonismo social como uma forma de intervenção bibliotecária com propósitos específicos visando a apropriação da informação. Neste sentido, ambos os autores consideram que a prática profissional é regida por experiências fundamentais que direcionam o tratamento da informação.

No entanto, Vergueiro (1994, p. 9) enfatiza que os bibliotecários “[...] não devem permitir que as suas crenças e opiniões a respeito do conteúdo dos documentos possam interferir em seu trabalho de seleção de materiais para o acervo”. Apesar desta necessária ausência de intenções deterministas, o trabalho bibliotecário não possui neutralidade, imparcialidade ou isenção, conforme criticamente discute Almeida Júnior (2015a). Tais perspectivas

remetem à ideia defendida por Freire (1983) de que os posicionamentos representam manifestações de preferências, inclusive ideológicas. Ainda segundo Freire (1983), o importante consiste em reconhecer o quanto a orientação de seus valores pessoais ou individuais remete a princípios que condicionam inclusão ou exclusão, “[...] isso significa dizer que esse profissional deve se preocupar e estar atento às demandas dos usuários, para o uso da informação de maneira mais consciente” (FARIAS; COSTA, 2017, p. 4).

Contudo, apesar das boas intenções envolverem justificativas comumente apresentadas pelos bibliotecários na mediação da informação, ressalta-se que os níveis de interferências não excluem os propósitos de manipulações no processo. Afinal, como reconhecem Almeida Júnior e Bortolin (2008, p. 74), “A linha que separa a interferência da manipulação é extremamente tênue”.

Frente aos desafios de uma postura profissional articulada e comprometida com as necessidades específicas de informação de uma comunidade diversificada de sujeitos sociais é que o protagonismo se faz necessário às rotinas bibliotecárias. Em tal direção se reconhece a pertinência e a relevância do tema aqui tratado, especialmente em momento histórico de polarização política sobre a situação atual na sociedade brasileira. Logo, torna-se enfática a ideia de Farias (2016) que enxerga no perfil do protagonista social como alguém intencionado a contribuir com o seu meio de atuação profissional. Desse modo, o protagonista social

[...] pode também ser estimulado pelo desenvolvimento de competências em informação, as quais tendem a possibilitar ao bibliotecário: antever problemas, responder prontamente aos questionamentos de forma solícita, se dispor a aprender continuamente; utilizar os recursos disponíveis para obter sucesso nas atividades empreendidas, formulando estratégias, e mostrando-se hábil para superar obstáculos diários durante a execução de suas atividades (FARIAS, 2016, p. 107).

Perrotti (2017, p. 16) identifica que dentre as qualidades de um sujeito protagonista consta a postura deste em tomar para si uma forma de ser, reconhecendo o outro como semelhante e dotado de uma identidade própria diante de uma sociedade múltipla. Ou seja, o protagonista social valoriza a empatia com a diversidade social atuando profissionalmente a permitir estruturas de representações compatíveis com as necessidades informacionais específicas. Para Moura (2017, p. 96) “O protagonismo revela a centralidade e a pertinência da participação social de sujeitos identificados como ação coletiva

necessária à transformação social e à construção histórica”. Assim, a atuação profissional comprometida pela atitude de protagonismo social é, além de tudo, uma busca constante pela troca de conhecimentos e saberes de diferentes níveis e significados, o que faz da interação um elemento determinante nos processos sociais (PERROTTI, 2017).

É por meio do protagonismo social que se consegue construir espaços físicos de acolhimentos e representatividades para as comunidades marginalizadas, sendo estes entendidos como espaços seguros para as suas demonstrações sociais e culturais. Com isso, entende-se que “Consciência e respeito ao diferente (ao outro) e ao seu espaço de voz no processo de interação são elementos importantes e decisivos para a vida ativa” (GOMES, 2017, p. 38).

Envolvido pelo comprometimento profissional, caracterizado com o protagonismo social, é possível construir ambientes mais humanizados com pessoas aptas e que identificam o real valor do usuário e de equipamentos informacionais, compreendendo especialmente as bibliotecas. Nesta perspectiva, segundo Gomes (2017), o indivíduo que trabalha com a informação também é considerado como um “sujeito de ação protagonista”. Pois suas atitudes e decisões são condicionadas diretamente pela mediação estabelecida a fim de se viabilizar o acesso e a apropriação da informação.

Mas este processo não é uma aquisição automática para geração de conhecimentos, afinal, envolve complexidades individuais de certezas e incertezas. Farias (2017, p. 183) considera que “O tratamento e a difusão da informação interferem na formação e transformação de consciências”. Portanto, é pela informação, entendida como fator determinante para alterar estruturas pessoais e individuais, que a mediação encontra no protagonismo social a sua dimensão mais comprometida para atuação profissional do bibliotecário.

Para isso, é importante a compreensão da informação como um objeto socialmente construído e que estabelece relações de afinidades com a comunicação. Nessa perspectiva, o entendimento informacional se dá pelos processos comunicacionais que são elaborados por meios e canais apropriados. São circunstâncias que interferem na realidade de uma biblioteca enquanto unidade de informação e ambiente de socialização. Portanto, o protagonismo social se faz necessário nessa realidade para mediar e reafirmar identidades e, com isso, favorecer alternativas suscetíveis ao empoderamento.

Ressalta-se que a ênfase do trabalho do bibliotecário consiste na apropriação da informação. Assim, para que este profissional cumpra o seu papel social também deve assumir sua condição de protagonista, cuja responsabilidade social consiste em organizar, preservar, disseminar, recuperar a informação para o acesso, uso e apropriação pela comunidade usuária. Tais condições favorecem o compromisso de fomentar o espaço da interlocução entre os sujeitos em uma dinâmica que modifica constantemente o seu repertório informacional (GOMES, 2017, p. 28).

Diante do exposto, considera-se que é pela mediação da informação onde o protagonismo social encontra o seu ápice de responsabilidade na atuação profissional do bibliotecário frente aos desafios e adversidades da sua profissão. Nesta perspectiva, entende-se que “[...] a mediação não estaria restrita apenas às atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo o fazer desse profissional” (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 46).

Disto isto, considera-se oportuna e essencial a apresentação da definição conceitual adotada por esta pesquisa a respeito de mediação da informação. Assim, orienta-se o entendimento considerando que a mediação da informação se refere a:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, p. 25, 2015a).

Notadamente, se percebe a importância do domínio da ação bibliotecária pela mediação da informação a fim de contribuir com o usuário visando aprimorar as estruturas da sua representação na identidade social. Desse modo, considera-se que é pelo protagonismo social que o bibliotecário se compromete com esta perspectiva. Frente às reflexões apresentadas destaca-se que tais ideais representam fundamentos almejados para uma biblioteca realmente comprometida com as questões sociais. Assim, esta instituição deveria assumir os desafios de acolher a sua comunidade usuária reconhecendo as individualidades como características subjetivas dos sujeitos envolvidos em uma diversidade social.

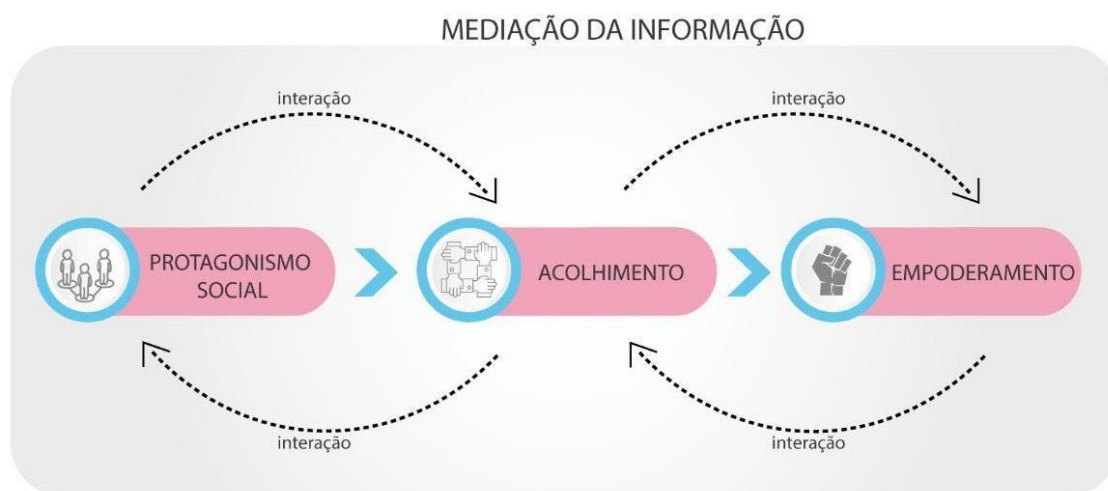
Frisando o contexto acima apresentado, Figueiredo (1992, p. 68, grifo da autora) identifica que o bibliotecário precisa, necessariamente, [...] *ter empatia para com o usuário, não manter nenhum tipo de preconceito em relação à pessoa ou à questão, e não permitir que o seu ponto de vista pessoal interfira no trabalho que tem que realizar como profissional.*

Portanto, o bibliotecário que assume o seu papel de protagonista social em uma determinada instituição recebe o desafio de integrar e adaptar os conhecimentos técnicos acerca da profissão. Isso somente é possível quando este profissional interage com o olhar social-comunitário e for sensível em proporcionar mudanças estruturais cotidianas, tornando assim a biblioteca como um ambiente inclusivo e pertencente a todas e todos.

4.1 REPRESENTAÇÃO DO PROTAGONISMO SOCIAL

Para o melhor entendimento acerca do processo ocasionado pelo protagonismo social na biblioteca foi desenvolvida uma representação gráfica com um diagrama que explicita todo o processo de interatividade entre bibliotecário e usuário. Destaca-se que a Figura 2 contextualiza a importância da mediação da informação como processo efetivo para desenvolvimento do protagonismo social.

Figura 2 – Diagrama das vertentes de mediação da informação



Fonte: Prado e Santos (2020).

A Figura 2 contempla três enfoques caracterizados pela mediação da informação. Neste sentido, observa-se que o protagonismo social encontra-se como uma etapa crucial para a concretização das ações mediadoras que visam o necessário atendimento do usuário, considerando as suas subjetividades. Vale ressaltar que o protagonismo social inserido na mediação da informação reforça o empenho do profissional bibliotecário para os compromissos de respeito às individualidades e os princípios éticos de responsabilidade social.

Em seguida, a Figura 2, evidencia a ocorrência da segunda etapa em que se refere à idealização do acolhimento dos usuários, valendo-se de recursos e serviços informacionais oferecidos pela biblioteca. Esta fase se refere ao tratamento dispensado pelo bibliotecário para viabilizar representatividade ao usuário pelas formas de mediação, implícita e explícita. Desse modo, o protagonismo social exerce papel fundamental no processo por este demonstrar empatia acolhedora pelas manifestações diversas que caracterizam as subjetividades dos usuários.

Por fim, a terceira etapa do diagrama é representada na Figura 2. Em tal situação consagra-se o empoderamento como resultado do protagonismo social visando acolher os usuários pela mediação da informação. Assim, entende-se que a função do protagonismo social somente se legitima quando o seu resultado é promover o acolhimento para empoderar os usuários, considerando as identidades destes sujeitos social e culturalmente. Dito isto, a mediação da informação configura um processo de relevante importância. Afinal, em tal perspectiva, o empoderamento consiste na elevação da consciência do sujeito

sobre a sua identidade e o seu lugar de fala e de vivência social, ou seja, seu autorreconhecimento.

4.2 ACOLHIMENTO COMO PRINCÍPIO

A ideia fundamental que sustenta a concepção de acolhimento aqui defendida se refere ao conjunto de ações, conscientes ou inconscientes, que se manifesta tanto pela mediação implícita quanto explícita. Neste sentido, acolher envolve a dimensão ética que caracteriza as relações profissionais e institucionais para garantir o atendimento das necessidades informacionais do usuário. Logo, considera-se importante a adoção de critérios e políticas para orientar o atendimento como princípio norteador dos processos de mediação da informação.

Considera-se necessária a ênfase de que o acolhimento não constitui exclusividade da assistência prestada ao usuário pelo Serviço de Referência e Informação, ou seja, incumbência restrita à mediação explícita em detrimento das suas formas implícitas. Assim, a seleção de materiais para compor os acervos bem como as atividades de organização e representação da informação são formas determinantes de se estabelecer mecanismos de acolhimento. Portanto, o acolhimento deve privilegiar todas as etapas do trabalho bibliotecário.

Tomando como base a relevância do protagonismo social como atitude do bibliotecário frente ao processo de mediação da informação, o acolhimento assume uma postura de profissionalismo e respeito com a comunidade usuária. Segundo Silva e Romano (2015, p. 364) o acolhimento representa o “[...] encontro mediado pela escuta e pelo vínculo, o que aciona um sentido de disponibilidade de tempo e compromisso para a sua realização”. Nesta perspectiva, evidencia-se a prioridade do usuário considerando as subjetividades do indivíduo.

Dadas as características apresentadas considera-se que o acolhimento é um fator indispensável a ser contemplado nos princípios de mediação da informação, especialmente para reforçar o caráter social da biblioteca.

4.3 EMPODERAMENTO COMO RESULTADO DE UM PROCESSO

Por empoderamento se entende a capacidade auto reconhecida para determinar uma posição social que afirma o fortalecimento da sua identidade. Segundo Kleba e Wendausen (2009, p. 735), é “Através desse processo, [que] pessoas renunciam ao estado de tutela, de dependência, de impotência, e transformam-se em sujeitos ativos, que lutam para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação [...]”. Assim, a consciência do indivíduo representa uma capacidade motriz para potencializar engajamentos visando transformar o meio social do qual pertence.

Na dinâmica do processo de mediação da informação o empoderamento configura uma etapa resultante das ações caracterizadas pelo protagonismo social em que o bibliotecário desenvolve as formas de acolhimento ao usuário. Desse modo, é pela mediação da informação que o empoderamento oportuniza ao sujeito as condições para ampliar o seu papel social. Assim, todo esse processo sensibiliza no indivíduo uma articulação mobilizada “[...] dentro da sua realidade social, adquirindo novas formas de enxergar as perspectivas de uma construção de realidade, [com isso] o empoderamento se torna uma multiplicação de ideias transformadoras” (FARIAS; COSTA, 2017, p. 2). No entanto, ressalta-se que tal perspectiva somente se concretiza quando há uma mediação transformadora em que o bibliotecário está devidamente comprometido com o protagonismo social. Logo, o acolhimento deve ser instituído como princípio fundamental da mediação da informação.

4.4 ACERVO NA PERSPECTIVA DO PROTAGONISMO SOCIAL

A Formação e Desenvolvimento de Coleções (FDC) é base fundamental para a constituição dos acervos informacionais. Neste sentido, as políticas determinadas aos procedimentos de FDC seguem diretrizes institucionais para nortear os princípios estruturantes da seleção dos componentes destes acervos informacionais.

Diante deste contexto emblemático que envolve direta ou indiretamente as bibliotecas, inclusive as universitárias, a FDC é um fator representativo para consolidar a instituição de valores, inclusivos ou excludentes. Pois, conforme Almeida Júnior (2015a), as práticas bibliotecárias não são neutras ou imparciais.

Em meio aos processos de FDC é possível implementar ações que agreguem princípios fundamentais para incluir a representação social considerando as individualidades coletivas. Toma-se como base de referência teórica o protagonismo social para refletir a questão da FDC. Disto isto, considera-se que o protagonismo social contribui significativamente para a atuação do bibliotecário em todas as atividades profissionais que lhe são inerentes. Logo, acredita-se que o comprometimento do bibliotecário com os princípios do protagonismo social favorece a um olhar diferenciado para com o seu usuário, construindo relações de empatia.

O protagonismo social na biblioteconomia permite que o profissional bibliotecário tenha sensibilidade com o seu usuário. Muda a perspectiva de visão, distanciando do contexto técnico e frio, que por muitas vezes o aprisiona ou o mantém numa realidade sempre muito arcaica e pouco evoluída, antiquada e tradicional.

A biblioteconomia, bem como a C.I., são ciências que vão além das diretrizes técnicas e teóricas. Ambas trabalham com informação, tem isso como matéria prima ou objeto de estudo, contudo, tanto uma quanto a outra tem o objetivo em comum de assistir um público. E esse processo exige mais que estudos e laudos técnicos, requer contextos, experiências, compreensões, entendimentos e interpretações.

Nesse sentido o protagonismo é social, isto é, é uma conduta, uma postura, um modo de existência que envolve todas as esferas da vida humana, nas suas diversas dimensões, incluindo a dimensão cultural, compreendendo-se cultura como produção humana, na qual se inclui o objeto informação. (GOMES, 2019, p.12)

É necessário entender que embora a informação, que é caracterizado por ser algo abstrato e que não carrega sentimentos e visões de mundo, seja o instrumento fundamental da biblioteconomia e da C.I., o objetivo final de ambas, que é o usuário, carrega consigo sua carga emocional, além de histórias próprias do indivíduo que agrega de forma indireta o produto gerado pelas bibliotecas.

O bibliotecário, quanto protagonista social, tem que desenvolver empatia pelos indivíduos que ele pretende atingir, fazer uma análise sob um olhar sensível a respeito do meio e da realidade em que estão inseridos. Afinal, sem empatia não se compreende verdadeiramente o seu usuário.

O protagonismo social gera impacto em toda a sociedade, pois, “por ‘protagonismo social’, entende-se a ação de apropriação, o caráter ativo dos sujeitos que não apenas acessam os conteúdos informacionais, mas o interpretam, os questionam, os reconstruem dinamicamente no decurso de suas demais atividades.” (ARAÚJO, 2017, p. 130)

Ao tratar de desenvolvimento de coleções, identifica-se uma diretriz onde facilmente o protagonismo social pode estar presente. Durante todo o processo de desenvolvimento de uma coleção muitas decisões são tomadas, todas elas em prol da compilação do melhor material que possa corresponder e suprir as necessidades informacionais dos indivíduos que farão parte dessa instituição.

É durante esse processo, principalmente na construção da política de seleção, em que se faz necessário o olhar sensível e empático, que construa para o usuário a realidade em que ele encontra-se incluso, na qual o sujeito possa se reconhecer naquele ambiente e se sentir pertencente àquele espaço, promovendo o acolhimento daquele indivíduo.

Maciel e Mendonça (2006, p. 16) entendem que a FDC é “Uma atividade de planejamento, onde o reconhecimento da comunidade a ser servida e suas características culturais e informacionais oferecerão a base necessária e coerente para o estabelecimento de políticas de seleção”. Tal procedimento implica nas ações envolvendo os estudos de usuários e mecanismos de seleção, aquisição, desbaste e avaliação.

A FDC é um ato político que explicita em diretrizes comumente chamadas de política, portanto, refere-se a procedimentos com valores éticos, ideológicos, sociais, culturais, entre outros.

“As bibliotecas [...] são constituídas por acervo que visa suprir as necessidades da organização à qual se encontram inseridas [...] Possuem por objetivo facilitar o processo de recuperação de informações específicas, buscando dessa maneira, encontrar todos os caminhos de direção da informação. Seus objetivos procedem dos objetivos das organizações às quais pertencem.”(Miranda 2007, p. 88)

Toda escolha ou tomada de decisões é essencialmente política, e envolve prerrogativas institucionais. Os centros de informação, como as bibliotecas, geralmente respondem a instituições nas quais se encontram estabelecidas. Quando são instituições públicas, estão ligadas ao governo que encontra-se no poder.

Não existe neutralidade quando se trata da formação de uma coleção, pois, geralmente encontram-se envolvidos vieses ideológicos e políticos em suas bases, mesmo que velados. Não apenas se tratando de instituições, pois os profissionais responsáveis pela política de seleção possuem crenças e valores que nem sempre condizem com a realidade e o contexto em que o usuário se encontra representado.

4.5 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O desenvolvimento de uma política de serviços em uma biblioteca universitária não pode deixar de envolver procedimentos básicos referentes ao tratamento da informação. Pois, fundamentalmente, entende-se que é pelas formas simbólicas de representação, tanto temática quanto descritiva, que a biblioteca, enquanto unidade de informação, determina o seu nível social de comprometimento político e cultural com a sua comunidade usuária.

Nessa direção, as orientações propositivas aqui sugeridas assentam-se conceitualmente pelos princípios estruturantes do protagonismo social. Pois tal perspectiva considera “[...]a necessidade de desenvolvimento do ser humano completo, para além das necessidades da produção, aberto à diversidade cultural de seu tempo e às responsabilidades sociais.” (FERRETTI; ZIBAS; TARTUCE, 2004, p. 422). Assim, vislumbra-se uma biblioteca, especialmente a universitária, muito mais comprometida com o seu papel social para atender as necessidades expressas por múltiplas identidades humanas do que preocupações unicamente determinadas pela ênfase em sistematizações técnicas. Afinal, “O termo ‘protagonismo’, graças a sua riqueza semântica, vem sendo usado em diferentes campos da ação social, em especial no âmbito das lutas por direitos de diferentes naturezas” (PERROTTI, 2017, p. 13).

É óbvio que se tem noção e clareza do conservadorismo estrutural mantido historicamente nos alicerces fundamentais da Biblioteconomia, inclusive na própria Ciência da Informação. Pois, Almeida Júnior (2015b, p. 133) reconhece que esses domínios

[...] atrelaram seus interesses e fazeres a concepções que repudiam o novo, que repudiam as propostas de mudanças. Quando as aceitam, o

fazem de maneira a alterar apenas o superficial, em uma aparente transformação, embora o cerne, o âmago permaneça o mesmo.

Assim, entende-se que a ideia etimológica do prefixo “trans” remete à concepção de mudança e pensar que a biblioteca universitária possa ser alterada sem mexer em suas bases epistemológicas é de um idealismo utópico. Portanto, este trabalho vai de encontro a uma reflexão do protagonismo social em que considera possibilidades iminentes para impulsionar reformulações nas atitudes particulares dos bibliotecários e institucionais da biblioteca universitária.

É impulsionado pelo desejo de mudanças sobre o convencionalismo padrão da Biblioteconomia tradicional, modelo acomodado por justificativas técnicas, resistente em acolher as necessidades de adaptações das subjetividades de seus usuários, que o presente estudo almeja perturbar essa lógica positivista e determinista. Todavia, pensar uma nova concepção da organização e representação da informação na biblioteca universitária é, antes de mais nada, projetar novos parâmetros orientados fundamentalmente nos estudos de usuários e da comunidade. Pois, segundo Araújo (2017, p. 142):

‘Protagonismo’ aparece, nesse sentido, como uma categoria analítica capaz de abrir um novo campo, com o reforço da dimensão de sujeito, ativa, dos usuários, em oposição à lógica de ver apenas as determinações sociodemográficas ou cognitivistas (como fazem os estudos de uso e de comportamento informacional, ou melhor, as abordagens tradicional e alternativa).

Iniciar rupturas na biblioteca universitária em prol do acolhimento à diversidade sociocultural dos sujeitos inseridos na sua comunidade usuária é uma etapa fundamental para se pensar as bases políticas instituídas na organização e representação da informação.

Frente a essa perspectiva de discussão atual e muito contemporânea, oportunamente, Guimarães (2015, p. 13) reforça tal ideário ao afirmar que:

Essa atividade mediadora pela identificação e representação de um conteúdo documental, por sua vez, revela uma complexidade própria, na medida em que distintos contextos (ou culturas) são postos a dialogar: o do produtor da informação, o do organizador da informação e o usuário da informação, cada qual com suas idiosincrasias, seu vocabulário, e sua lógica próprias.

E esse diálogo se dá pela representativa identificação do usuário com o sistema informacional do qual faz uso rotineiramente na biblioteca universitária à qual mantém vínculos acadêmicos. Pois a sua linguagem cultural deve ser

contemplada nos processos de organização e representação da informação documental. Afinal, são esses recursos informacionais que devem compor o conjunto de repertórios das fontes de informação utilizadas como materiais instrumentais de ensino-aprendizagem na sua formação acadêmica.

Inevitavelmente, enfatiza-se que o grande desafio persiste ao fato de as “Revoluções na Biblioteconomia e na Ciência da Informação não são impossíveis, mas muito difíceis” (ALMEIDA JÚNIOR, 2015b, p. 143). Ainda assim, entende-se que as mudanças só ocorrem quando provocadas e o começo se dá no campo das ideias, teorizando possibilidades para novas concepções, até se converter em atitudes transformadoras que convergem o protagonismo social.

Apesar das incertezas, ceticismos, relutâncias e oposições que se ajustam perfeitamente nas mesmices de um comodismo tradicionalista como consequência da letargia no fazer do bibliotecário: a mudança é possível.

Desse modo, não há dúvidas

[...] que o protagonismo social e político possa contribuir para a participação dos indivíduos em processos decisórios - um antídoto contra a indiferença e o isolamento social -, uma forma de afrontar problemas que parecem insolúveis, mas que ao final possibilita a descoberta ou a recuperação de uma energia contagiante do agir coletivo, da convicção de poder mudar as coisas, do cultivo da arte da solidariedade, do empenho em supervisionar as ações políticas e governamentais, ou seja, de assumir o controle do próprio destino, desempenhando papel ativo na sociedade (FARIAS; VARELA, 2017, p. 93).

As mudanças de paradigmas e dogmas que representam o desenvolvimento de bibliotecas centradas pelo viés tecnicista para sistematizar um conjunto de procedimentos alheios às demandas e necessidades reais de seus usuários devem ser encaradas como prioridade urgente de sobrevivência. Do contrário, as bibliotecas, inclusive as universitárias, se limitam pela omissão no cumprimento do seu papel histórico, cultural e, acima de tudo, social. Portanto, entende-se que é um dever inadiável o compromisso das bibliotecas universitárias em ajustar permanentemente a sua política de organização e representação da informação, tomando como princípio fundamental a inclusão.

Logo, a diversidade humana presente no contexto sociocultural da sua comunidade deve ter espaços e condições para manifestação. Assim, os usuários poderão contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento de novas

competências e habilidades bibliotecárias, incluindo os serviços oferecidos pelas bibliotecas – especialmente as universitárias.

5 QUADRO DE INTERESSE TEMÁTICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O presente capítulo se dedica a analisar os dados levantados referentes às publicações científicas no domínio de Ciência da Informação com temáticas relacionadas ao público LGBT. Deste modo, são consideradas as ocorrências de publicações científicas distribuídas em duas tipologias de fontes de informação: revistas científicas e anais de evento científico. Ressalta-se que ambas as tipologias se caracterizam por procederem avaliações por pares para resultar nas respectivas publicações. Outro aspecto que merece ser destacado diz respeito à adoção de artigo científico como padrão similar no formato utilizado pelos dois meios de comunicação seriada para conteúdos especializados.

Considera-se necessária a apresentação da justificativa sobre o levantamento das publicações efetuadas no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB). Trata-se do evento de maior importância acadêmica nacional de pesquisas relacionadas ao domínio da Ciência da Informação brasileira e a sua realização tem periodicidade anual, frequência temporária que demonstra o interesse temático dos pesquisados no país.

Assim, o levantamento identificou as incidências numéricas que caracterizam a valorização da temática LGBT no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Logo, busca-se evidenciar a importância deste assunto junto às produções científicas nas referidas especialidades do conhecimento científico.

Cinco variáveis foram adotadas como padrão da análise empregada em que os dados quantitativos expressaram os valores da incidência correspondente. Para esclarecimento, as mencionadas variáveis utilizadas abrangeram aos seguintes aspectos: 1) a variação anual das publicações; 2) a autoria com artigos na temática LGBT; 3) Títulos das revistas com publicações relacionados à temática LGBT (periódicos científicos) ou grupos de trabalho do ENANCIB; 4) Termos LGBT predominantes nos artigos de revistas/anais do evento; e, por fim, 5) Vínculo institucional das autorias dos artigos de revistas/anais do evento.

Primeiramente, a Tabela 1 dispõe da variação numérica contemplando a série histórica do período de 2004 a 2019. Destaca-se que o ano iniciado como

fronteira temporal representa a primeira publicação contendo termos relacionados a LGBT na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Assim, a Tabela 1 evidencia a demonstração do nível de interesse anual em que os pesquisadores de Ciência da Informação mantiveram sobre os assuntos estudados por esta pesquisa. Deste modo, é possível identificar as tendências e perspectivas sobre temas relacionados à comunidade LGBT nas publicações científicas do domínio de especialidade aqui analisadas.

Para as devidas apreciações, segue a Tabela 1 contendo os dados levantados sobre todas as publicações de artigos (revistas e anais do ENANCIB) voltadas à especialidade de Ciência da Informação durante a trajetória anual do período investigado.

Tabela 1 – Variação anual dos artigos publicados em periódicos e eventos científicos

| Ano | Qtd. de Artigos | % |
|--------------|-----------------|-------------|
| 2004 | 01 | 2% |
| 2005 | 01 | 2% |
| 2006 | 02 | 5% |
| 2007 | 01 | 2% |
| 2008 | 01 | 2% |
| 2009 | 01 | 2% |
| 2010 | 00 | 0% |
| 2011 | 01 | 2% |
| 2012 | 00 | 0% |
| 2013 | 01 | 2% |
| 2014 | 02 | 5% |
| 2015 | 00 | 0% |
| 2016 | 04 | 10% |
| 2017 | 12 | 29% |
| 2018 | 08 | 20% |
| 2019 | 06 | 15% |
| TOTAL | 41 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A Tabela 1 ilustra a representação numérica do levantamento que constatou 41 publicações com temáticas LGBT e que foram distribuídas entre os artigos de revistas acadêmicas e artigos científicos do ENANCIB. Observa-se a predominância ocorrida nos últimos quatro anos, pois neste período concentrou 74% das publicações científicas contendo termos referentes à temática LGBT.

É importante destacar que dos 15 anos analisados não houve publicação relacionada às questões LGBT em três momentos específicos deste período, respectivamente: 2010, 2012 e 2015. Nota-se que a Tabela 1 possui uma ampla vantagem numérica de apenas uma publicação anual, correspondendo a sete artigos, ou seja, montante equivalente a 14% do total deste tipo de comunicação científica.

Para melhor sistematização e detalhamento situacional da análise sobre os dados levantados e tabulados foi subdividido o exame das publicações de artigos com os respectivos temas relacionados à comunidade LGBT. Assim, foi aqui delineado especificidade por duas tipologias de publicações científicas: 1) artigos em revistas e 2) artigos de evento (ENANCIB). Ressalta-se que ambas as tipologias correspondem ao interesse do domínio de Ciência da Informação.

5.1 PUBLICAÇÕES EM REVISTAS DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao analisar apenas os artigos publicados em revistas científicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação constata-se alterações nos dados sem que houvesse impactos significativos.

Tabela 2 – Variação anual dos artigos de revistas

| Ano | Qtd. de Artigos | % |
|--------------|-----------------|-------------|
| 2004 | 01 | 3% |
| 2005 | 01 | 3% |
| 2006 | 02 | 6% |
| 2007 | 01 | 3% |
| 2008 | 01 | 3% |
| 2009 | 01 | 3% |
| 2010 | 00 | 0% |
| 2011 | 01 | 3% |
| 2012 | 00 | 0% |
| 2013 | 01 | 3% |
| 2014 | 02 | 6% |
| 2015 | 00 | 0% |
| 2016 | 04 | 13% |
| 2017 | 07 | 23% |
| 2018 | 07 | 23% |
| 2019 | 02 | 6% |
| TOTAL | 31 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A Tabela 2 apresenta os dados referentes aos artigos publicados em revistas científicas durante o recorte temporal que corresponde ao ano 2004 até

o ano de 2019. Com o total de 31 artigos, constata-se que grande parte da produção se concentrou nos últimos quatro anos, equivalente a 65% do total. Os outros 33% foram distribuídos durante os 12 anos anteriores, contendo publicações que variam entre um e dois artigos por ano. Vale ressaltar, novamente, que nos anos de 2010, 2012 e 2015 não houve nenhuma publicação que fizesse menção à temática LGBT.

Logo em seguida, apresenta-se a Tabela 3 que expõe, de forma decrescente, os dados dos autores que publicaram trabalhos com temáticas relacionadas à comunidade LGBT, durante a cobertura do período investigado. Assim, evidenciando a quantidade de publicações de cada pesquisador e, com isso, estima-se corresponder a uma forma de engajamento individual que repercute no interesse da área sobre a temática.

Tabela 3 – Distribuição de autorias com publicações em revistas sobre a temática LGBT

| Itens | Autoria | Qtd. de Artigos |
|-------|---------------------------------------|-----------------|
| 01 | BRITO, Jean Fernandes | 03 |
| 02 | MATIAS, Márcio | 02 |
| 03 | PINHO, Fabio Assis | 02 |
| 04 | SILVA, Rafaela Carolina | 02 |
| 05 | AFONSO, Raffaella Dayane | 01 |
| 06 | ALDABALDE, Taiguara Villela | 01 |
| 07 | ARAÚJO, Luciana Danielli de | 01 |
| 08 | BARBOSA, Everaldo Henrique dos Santos | 01 |
| 09 | BENTES, Ivana | 01 |
| 10 | BISSOLI, Bruna da Silva | 01 |
| 11 | BRIGNOL, Liliane Dutra | 01 |
| 12 | BORGES, Lenise Santana | 01 |
| 13 | CABRAL, Jacqueline Ribeiro | 01 |
| 14 | CALIXTO, Adeilton Alves | 01 |
| 15 | CANUTO, Alice de Alencar Arraes | 01 |
| 16 | CAULFIELD, Sueann | 01 |
| 17 | CORINO, Luiz Carlos Pinto | 01 |
| 18 | CORTES, Gisele Rocha | 01 |
| 19 | COVELLO, Lucas Gatto | 01 |
| 20 | DARDE, Vicente William da Silva | 01 |
| 21 | FERREIRA, Rubens da Silva | 01 |
| 22 | FREIRE, Isa Maria | 01 |
| 23 | GALVÃO, Fernanda do Valle | 01 |
| 24 | GARCIA, Dantielli Assumpção | 01 |
| 25 | GOMES, Suely Henrique de Aquino | 01 |
| 26 | GONÇALVES, Jéssica dos Santos | 01 |
| 27 | GREEN, James N. | 01 |
| 28 | ISHIMOTO, Adonai Takeshi | 01 |
| 29 | LARA, Marilda Lopes Ginez de | 01 |

| | | |
|--------------|-------------------------------------|-----------|
| 30 | LEITE, Fernando César de Lima | 01 |
| 31 | LIMA, Izabel de França | 01 |
| 32 | LOPES, Bianca da Costa Maia | 01 |
| 33 | MORAES, Cássia Regina Bassan de | 01 |
| 34 | NASCIMENTO, Francisco Arrais | 01 |
| 35 | OLIVEIRA, Dalgiza Andrade | 01 |
| 36 | OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki | 01 |
| 37 | PINTO, Elton Mártires | 01 |
| 38 | PISELLI, Bianca Íris | 01 |
| 39 | QUINTSLR, Marcia Maria Melo | 01 |
| 40 | RINALDI, Alessandra de Andrade | 01 |
| 41 | SALLES, Débora Gomes | 01 |
| 42 | SAMPAIO, Denise Braga | 01 |
| 43 | SANTOS, Andrea Pereira dos | 01 |
| 44 | SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos | 01 |
| 45 | SANTOS, Raphael Augusto | 01 |
| 46 | SILVA, Claudio Roberto da | 01 |
| 47 | SILVA, Michelle Louise Guimarães da | 01 |
| 48 | SILVA, Naira Rosana Dias da | 01 |
| 49 | SOARES, Gilberta Santos | 01 |
| 50 | SOUSA, Lucília Maria Abrahão e | 01 |
| 51 | TARGINO, Maria das Graças | 01 |
| 52 | TONON, Joseana B. | 01 |
| 53 | VIANA, Azilton Ferreira | 01 |
| TOTAL | | 58 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Os dados apresentados na Tabela 3 discriminam as autorias das produções representadas numericamente pela Tabela 2. Deste modo, pela Tabela 3, se observa que o levantamento da pesquisa identificou um total de 53 autorias de pesquisadores que tiveram publicações de artigos científicos contendo temáticas relacionadas à comunidade LGBT.

Nota-se que apenas quatro pesquisadores contêm quantidade superior a um artigo publicado. Este quarteto, apesar de ser numericamente pequeno em relação à população de autorias levantadas, representa o elitismo da produtividade científica em artigos publicados sobre o tema LGBT nas revistas especializadas da área de Ciência da Informação. Assim, verifica-se que os quatro autores que publicaram mais de um artigo correspondem a 15,52%, enquanto aqueles com apenas uma publicação é substancialmente predominante por constituir uma parcela de 84,48% do total de artigos publicados sobre o assunto LGBT no período analisado.

Contudo, ressalta-se que as autorias que detêm quantidades de publicações superior a um artigo, na sua maioria, caracterizam publicações de

responsabilidade intelectual compartilhada, ou seja, em coautoria. No entanto, destaca-se que apenas o autor Pinho possui um artigo de publicação individual e outro em coautoria.

Para melhor visualização desta situação de autorias compartilhadas segue a discriminação numérica pela Tabela 4.

Tabela 4 – Coautorias de artigos publicados em revistas científicas com temáticas lgbt

| | BRITO, J.F. | MATIAS, M. | PINHO, F.A. | SILVA, R.C. | NASCIMENTO, F.A. |
|-------------|-------------|------------|-------------|-------------|------------------|
| BRITO, J.F. | - | 02 | - | 01 | - |
| MATIAS, M. | 02 | - | - | 01 | - |
| PINHO, F.A. | - | - | - | - | 01 |
| SILVA, R.C. | 01 | 01 | - | - | - |

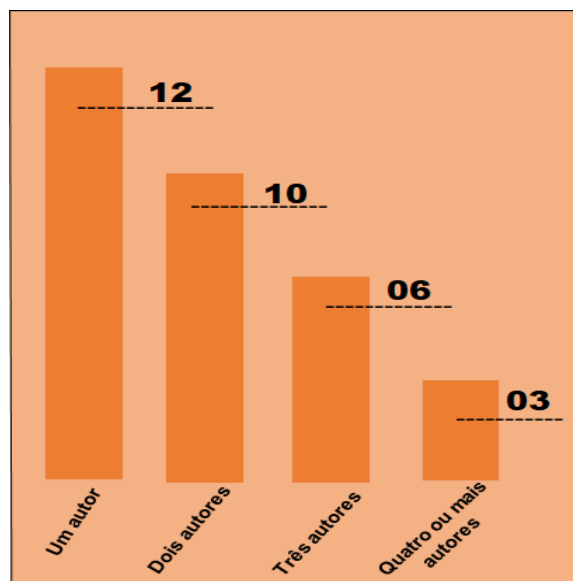
Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Em relação à publicação de artigo em coautoria destaca-se a interatividade mantida por Brito, Matias e Silva. Assim, a Tabela 4 representa uma matriz propícia para ser apresentada como Análise de Redes Sociais (ARS). No entanto, optou-se por não gerar essa ilustração gráfica por serem números de pouca representatividade estatística. Porém, julga-se pertinente fazer a exposição dos dados correspondentes visando evidenciar as parcerias estabelecidas entre os autores mais profícuos sobre o tema.

Como consta na Tabela 4, identifica-se que Pinho produziu em coautoria com Nascimento, pesquisador que tem apenas uma publicação de artigo em revista, conforme a Tabela 3.

Para melhor esclarecimento a respeito da relação de coautorias nas publicações e os autores apresentados foi desenvolvido Gráfico 1 para representar dados comparativos sobre a quantidade de produção pelos tipos de autorias formalizadas.

Gráfico 1 – Tipos de autorias por artigos publicados em revistas



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

O levantamento dos dados identificou um total de 31 artigos científicos cobrindo temas relacionados à comunidade LGBT nas revistas especializadas em Ciência da Informação, durante o recorte temporal utilizado. Deste modo, o Gráfico 1 ilustra a apresentação dos resultados contidos na Tabela 2, de forma a discriminar as tipologias de autorias. Assim, pelo Gráfico 1, percebe-se claramente a predominância por publicações em que os pesquisadores assumem a condição de autoria individual. Esta modalidade de produção científica representa 39% do total. Já as publicações em coautoria configuram 61%, sendo 32% em formato de autorias duplas, 19% dispostas em autorias triplas e 10% caracterizando as autorias de mais de quatro pesquisadores.

É importante esclarecer que há uma sobreposição numérica nos valores totais apresentados na Tabela 3 em relação à Tabela 2, logo também ocorrendo sobre o Gráfico 1. Isso se dá pela especificação individual das autorias e o número de suas respectivas publicações. Deste modo, há uma reincidência numérica no cômputo das publicações de artigos. Logo, a Tabela 3 expressa valores totais superiores ao número de artigos descritos na Tabela 2 e no Gráfico 1.

Visando sistematizar as publicações por veículos de comunicação científica é que foi desenvolvida a Tabela 5 contendo os títulos das revistas de Ciência da Informação com artigos publicados sobre temas LGBT. É importante destacar que a Ciência da Informação aqui representada corresponde a um domínio do conhecimento humano que agrega quatro especialidades

disciplinares, a saber: Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e a própria Ciência da Informação.

Tabela 5 – Títulos das revistas com artigos publicados contendo a temática LGBT

| Título | Qtd. de Artigos | % |
|------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------|
| Informação & Informação | 04 | 13% |
| Comunicação e Informação | 04 | 13% |
| Acervo: Revista do Arquivo Nacional | 04 | 13% |
| Archie Online | 02 | 6% |
| Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação | 02 | 6% |
| Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia | 02 | 6% |
| Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação | 02 | 6% |
| Em Questão | 02 | 6% |
| Ciência da Informação | 02 | 6% |
| Múltiplos Olhares em Ciência da Informação | 01 | 3% |
| Folha de Rosto | 01 | 3% |
| ITEC | 01 | 3% |
| Brazilian Journal of Information Science | 01 | 3% |
| Logeion: Filosofia da Informação | 01 | 3% |
| Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação | 01 | 3% |
| Revista P2P e Inovação | 01 | 3% |
| TOTAL | 31 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A Tabela 5 apresenta as revistas científicas indexadas na Brapci em que foram identificados os artigos com publicações relacionadas às temáticas LGBT. É importante mencionar que, seguindo as nomenclaturas identificadas nos periódicos científicos relacionados na Tabela 5, se percebe que entre os 16 títulos levantados há uma notável predominância da Ciência da Informação sobre as demais disciplinas de especialidades.

Considerando a análise da Tabela 5, nota-se que dos 16 títulos de periódicos científicos listados sete possuem apenas um artigo publicado durante o período utilizado como recorte temporal. Nove periódicos ofereceram mais de um artigo, sendo que neste montante seis publicaram dois artigos. Três periódicos científicos tiveram quatro artigos publicados, representando 39% do total de revistas com temas LGBT contemplados em suas publicações.

Logo, em princípio, se induz a constatar que as três revistas que predominam numericamente são veículos de maior representatividade na comunicação científica sobre o tema na área em questão. No entanto, em uma análise mais detalhada, em que se cruzam os dados da Tabela 3 com os da

Tabela 5, evidencia-se que há uma dispersão significativa entre as preferências de autorias na escolha dos canais de comunicação científica para publicação de artigos sobre a temática.

Assim, a revista Informação & Informação é a única a ter publicação de autores mais produtivos pois, neste contexto, identifica-se que Brito e Silva publicaram artigo em coautoria no referido periódico, em 2019. Com isso, não se pode afirmar com segurança, sem estudos com análises detalhadas, as razões que implicam as escolhas de publicações e, nem mesmo, os motivos das dispersões de periódicos utilizados para canalizar a divulgação científica dos artigos sobre temáticas LGBT no domínio da Ciência da Informação.

Para melhor detalhar a representação numérica dos assuntos relacionados ao público LGBT que foram considerados no levantamento dos artigos indexados na base Brapci foi elaborada a Tabela 6. Neste recurso de demonstração estatística constam os temas utilizados na estratégia de busca e suas respectivas correspondências quantitativas e proporcionais em percentuais. Deste modo, segue a Tabela 6 para a devida apreciação.

Tabela 6 – Incidência dos termos LGBT predominantes nos Artigos de Revistas

| Termos | Qtd. de Artigos | Título | Resumo | Palavras-chaves | Total de Incidências | % de Artigos |
|---------------|-----------------|-----------|------------|-----------------|----------------------|----------------|
| LGBT | 17 | 07 | 41 | 08 | 56 | 20,25% |
| Gay | 15 | 05 | 20 | 03 | 28 | 17,87% |
| Lésbica | 10 | 02 | 12 | | 14 | 11,90% |
| Transexual | 09 | 01 | 13 | 01 | 15 | 10,71% |
| Bissexual | 09 | 01 | 09 | 01 | 11 | 10,71% |
| Travesti | 01 | 01 | 11 | 02 | 14 | 1,19% |
| Transgênero | 06 | 02 | 11 | 02 | 15 | 7,14% |
| Homossexual | 10 | 06 | 09 | 04 | 19 | 11,90% |
| Queer | 04 | | 04 | 01 | 05 | 4,76% |
| Assexual | | | | | | 0,00% |
| Heterossexual | 02 | | 02 | | 02 | 2,38% |
| Cisgênero | | | | | | 0,00% |
| Drag Queen | | | | | | 0,00% |
| GLBT | 01 | 01 | 01 | | 02 | 1,19% |
| GLS | | | | | | 0,00% |
| TOTAL | 84 | 26 | 133 | 22 | 181 | 100,00% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A Tabela 6 reúne, de forma descendente pelo quantitativo de artigos levantados na Brapci, as expressões utilizadas na estratégia de busca e que representam tratamentos terminológicos para identificar as pessoas na comunidade LGBT. Como se observa, foram consideradas 15 expressões

terminológicas. Assim, destaca-se, a título de esclarecimento, que os termos contemplaram variações linguísticas utilizadas nas publicações analisadas. Desse modo, o sufixo “idade” foi incorporado a prefixos específicos na estratégia de busca sobre os seguintes vocábulos: transexual, bissexual, homossexual e heterossexual. Com isso, os resultados apresentam uma sobreposição nas somas correspondentes.

Outro destaque que merece registro diz respeito à distinção apresentada sobre os termos transexual, travesti e transgênero. A presente pesquisa fundamenta-se em princípios que consideram serem formas características da sexualidade humana para representar a divergência entre identidade de gênero e o sexo biológico. No entanto, há uma equivocada popularização de entendimento de que transexual, travesti e transgênero são expressões designadas para significar semelhanças em identidades com o mesmo sentido conceitual.

O detalhamento das buscas por incidências em variáveis distintas sobre as publicações científicas levantadas permitiu que se percebesse a prevalência terminológica utilizada na comunidade de discurso da Ciência da Informação brasileira sobre questões relacionadas à comunidade LGBT.

Os resultados apontados evidenciam uma perspectiva de generalização como predominância sobre os assuntos relacionados ao tema que é objeto deste estudo, pois a maioria dos artigos empregam o termo LGBT, sigla que por si só não distingue particularidades identitárias contidas na comunidade.

Adentrando a análise das especificidades identitárias, correspondentes aos termos pesquisados, percebe-se claramente um aspecto de predominância do masculino sobre o feminino, ou seja, um evidente resquício patriarcal determinando a importância da sexualidade masculina em detrimento da feminina. Pois, como consta na Tabela 6, o termo “gay” contém 71 incidências, o que corresponde a 19,61% deste quesito sobre 15 artigos científicos publicados no domínio da Ciência da Informação. Já o termo “lésbica” possui 38 incidências, 10,50% do total, que foram identificadas em dez artigos. Com isso, nota-se uma explícita desvantagem do feminino como interesse temático no âmbito da sexualidade em relação ao masculino.

As siglas GLS e GLBT também foram pesquisadas, mas, como se observa na Tabela 6, são termos obsoletos para tratamento linguístico da

comunidade LGBT. Logo, as incidências e os números de artigos foram pouco expressivos em relação a GLBT e sem nenhum registro para GLS.

O termo “assexual” caracteriza uma orientação da sexualidade humana e também foi contemplado como expressão terminológica da estratégia de busca adotada por esta pesquisa. No entanto, não se identificou publicações com interesse sobre o assunto. Com isso, percebe-se que as publicações de artigos em Ciência da Informação no Brasil têm limitações evidentes no interesse pelas questões de gênero.

Após as análises aqui apresentadas direcionam-se às instituições de pesquisas das quais se vinculam as autorias dos artigos levantados neste estudo. Com isso, busca-se relacionar as entidades institucionais com seus aspectos geográficos no Brasil para melhor mapear e entender sobre o desenvolvimento desta temática na Ciência da Informação do país. Dito isso, abaixo segue a Tabela 7 que expõe as instituições de ensino das quais as autorias aqui levantadas estão vinculadas.

Tabela 7 – Afiliação institucional e geográfica das autorias dos artigos de revistas

| Siglas das Instituições Vinculadas às Autorias | Estados | Regiões Geográficas | Qtd. de Incidências | % |
|-------------------------------------------------------|----------------|----------------------------|----------------------------|-------------|
| UFRJ | RJ | Sudeste | 08 | 13% |
| UNESP | SP | Sudeste | 07 | 12% |
| UFPB | PB | Nordeste | 07 | 12% |
| UFSC | SC | Sul | 07 | 12% |
| UFSCar | SP | Sudeste | 05 | 8% |
| UFMG | MG | Sudeste | 03 | 5% |
| UFPE | PE | Nordeste | 03 | 5% |
| USP | SP | Sudeste | 03 | 5% |
| UFG | GO | Centro-Oeste | 02 | 3% |
| UnB | DF | Centro-Oeste | 02 | 3% |
| <i>Brown University</i> | - | - | 01 | 2% |
| Universidade de Nova York | - | - | 01 | 2% |
| UFC | CE | Nordeste | 01 | 2% |
| PUC-GO | GO | Centro-Oeste | 01 | 2% |
| UFES | ES | Sudeste | 01 | 2% |
| UFPA | PA | Norte | 01 | 2% |
| UFF | RJ | Sudeste | 01 | 2% |
| UFRRJ | RJ | Sudeste | 01 | 2% |
| Unisinos | RS | Sul | 01 | 2% |
| UFRGS | RS | Sul | 01 | 2% |
| FURG | RS | Sul | 01 | 2% |
| TOTAL | 12 | 05 | 58 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Primeiramente, se faz necessário esclarecer o uso do termo incidência e não apenas o número de artigos para caracterizar os dados quantitativos atribuídos às autorias e suas correspondentes afiliações de vínculos institucionais. Desse modo, empregou-se incidência para corresponder numericamente às publicações de artigos considerando as autorias registradas, incluindo a modalidade de publicações compartilhadas. Com isso, há uma sobreposição quantitativa na soma total de artigos, como apresentado na Tabela 2. No entanto, os dados expostos na Tabela 7 representam similaridade com os números identificados na Tabela 3, sendo que essa relaciona a variação quantitativa das publicações unicamente por autoria. Assim sendo, a Tabela 7 direciona-se a configurar exibição dos aspectos institucionais em que as autorias se encontraram vinculadas, conforme registro identificado no artigo analisado por atribuição do periódico científico.

A Tabela 7 registrou a ocorrência de 21 instituições das quais são mantidas as respectivas afiliações das autorias de artigos científicos com publicações sobre a temática LGBT. Notadamente, se percebe que a grande maioria dessas instituições arroladas na Tabela 7 são universidades públicas. Nas instituições particulares constam apenas duas brasileiras (PUC-GO e Unisinos) e outras duas dos Estados Unidos (*Brown University* e Universidade de Nova York). Assim, a Tabela 7 evidencia a predominância da UFRJ como instituição de maior incidência nas publicações de artigos científicos sobre o tema LGBT. Em seguida, três outras instituições se equipararam numericamente com sete incidências registradas, são elas: UNESP, UFPB e UFSC. Com cinco incidências nas publicações de artigos científicos consta a UFSCar. As demais instituições apresentaram incidências com número menor que esses mencionados.

Em relação às unidades da federação, o estado de São Paulo lidera com 15 incidências, valor que representa 25,86% do montante correspondente sobre o tema LGBT. Na segunda posição consta o estado do Rio de Janeiro com dez incidências registradas, 17,24% do total. Empatados na terceira posição aparecem os estados da Paraíba e de Santa Catarina, ambos com sete incidência e correspondendo a 12,07% da soma total.

No âmbito regional se percebe a hegemonia do Sudeste brasileiro com participação de 50% do total de incidências sobre assuntos com enfoques LGBT. A região Nordeste se apresenta na segunda posição com 11 incidências que equivalem a 18,97% do total. A região Sul registrou 10 incidências, 17,24%.

Surpreendentemente, a UFBA, que é uma instituição de grande prestígio nacional em questões sociais, não possui nenhuma incidência de publicações de artigos científicos voltados à comunidade LGBT.

A sequência se dedica à análise dos dados levantados sobre as pesquisas científicas com enfoque na temática LGBT nas publicações de artigos apresentados no ENANCIB.

5.2 PUBLICAÇÕES APRESENTADAS NO ENANCIB

Abaixo consta a Tabela 8 que dispõe da variação anual caracterizada pela distribuição numérica dos artigos científicos publicados nos anais do evento acadêmico nacional, o ENANCIB. Diferente da Tabela 2, que trata das publicações em revistas científicas, a Tabela 8 evidencia uma significativa escassez na produção de trabalhos acadêmicos relacionados à comunidade LGBT, considerando o recorte temporal analisado. Assim sendo, os primeiros registros de trabalhos apresentados no ENANCIB, e que se encontram devidamente indexados na base Brapci, surgiram a partir do ano de 2017.

Tabela 8 – Variação anual dos artigos no ENANCIB

| Ano | Nº de Artigos | % |
|--------------|---------------|-------------|
| 2004 | 00 | 0% |
| 2005 | 00 | 0% |
| 2006 | 00 | 0% |
| 2007 | 00 | 0% |
| 2008 | 00 | 0% |
| 2009 | 00 | 0% |
| 2010 | 00 | 0% |
| 2011 | 00 | 0% |
| 2012 | 00 | 0% |
| 2013 | 00 | 0% |
| 2014 | 00 | 0% |
| 2015 | 00 | 0% |
| 2016 | 00 | 0% |
| 2017 | 05 | 50% |
| 2018 | 02 | 20% |
| 2019 | 03 | 30% |
| TOTAL | 10 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Notadamente, a Tabela 8 explicita que o total de artigos produzidos e apresentados equivalem ao montante de dez publicações que aconteceu apenas nos últimos três anos do período analisado, ou seja, de 2017 a 2019.

O ano de 2017 concentrou a maior parte das publicações no ENANCIB. Assim, o ano em questão representou 50% dos artigos relacionados às temáticas LGBT no maior evento brasileiro de pesquisa em Ciência da Informação. Com isso, surpreendentemente, um único ano (2017) correspondeu à metade das produções acerca da temática que foi difundida pelo ENANCIB.

Tabela 9 – Distribuição autorias com publicações sobre a temática LGBT

| Itens | Autoria | Qtd. de Artigos |
|--------------|----------------------------------|------------------------|
| 1 | CORTES, Gisele Rocha | 03 |
| 2 | SILVA, Laelson Felipe da | 03 |
| 3 | OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de | 02 |
| 4 | SILVA, Michel Batista | 01 |
| 5 | SANTOS, Bruno Almeida dos | 01 |
| 6 | LUBISCO, Nídia M. L | 01 |
| 7 | SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da | 01 |
| 8 | SOARES, Gilberta Santos | 01 |
| 9 | SAMPAIO, Denise Braga | 01 |
| 10 | LIMA, Izabel de França | 01 |
| 11 | VIANA, Azilton Ferreira | 01 |
| 12 | OLIVEIRA, Dalgiza Andrade | 01 |
| 13 | RIBEIRO, Ana Cláudia | 01 |
| 14 | FROTA, Maria Guiomar da Cunha | 01 |
| 15 | GARCIA, João Paulo Santos | 01 |
| 16 | ARAÚJO, Nelma Camelo | 01 |
| 17 | ACHILLES, Daniele | 01 |
| 18 | SOUSA, Brisa Pozzi de | 01 |
| 19 | SABBAG, Deise Maria Antonio | 01 |
| 20 | SANTOS, Raimunda Fernanda dos | 01 |
| 21 | NEVES, Dulce Amélia de Brito | 01 |
| 22 | RIGHETTO, Guilherme Goulart | 01 |
| 23 | VITORINO, Elizete Vieira | 01 |
| TOTAL | | 28 |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Dos 23 autores listados na Tabela 9 apenas três possuem uma incidência numérica de publicações superior a um artigo no ENANCIB. Igualmente como ocorre na Tabela 3, há uma expressiva interação de compartilhamento autoral que incide sobre a produção dos artigos publicados. No entanto, se percebeu que os pesquisadores que publicaram no ENANCIB demonstraram uma propensão maior de produzir artigos em coautorias, pois todas as publicações levantadas no evento foram exclusivamente de responsabilidade compartilhada.

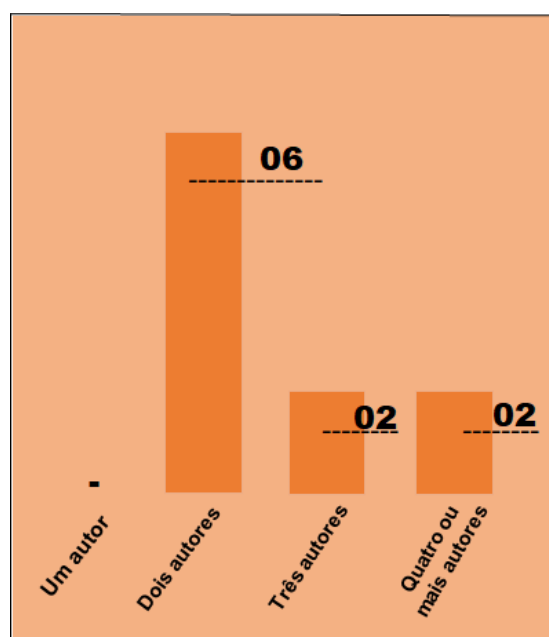
A liderança da produtividade científica no ENANCIB foi dividida por Gisele Rocha Cortes e Laelson Felipe da Silva, autorias que contêm igualmente três publicações de artigos no evento, sendo duas em coautoria por parceria entre ambos os pesquisadores.

Em comparação com a Tabela 3, identifica-se que apenas seis das 23 autorias arroladas na Tabela 9 possuem publicações de artigos em revistas científicas, que são respectivamente: Gisele Rocha Cortes; Gilberta Santos Soares; Denise Braga Sampaio; Izabel de França Lima; Azilton Ferreira Viana e

Dalgiza Andrade Vieira. Destaca-se que essas autorias mencionadas possuem um artigo publicado em periódico científico, conforme consta na Tabela 3.

Como já mencionado anteriormente, foram identificadas 23 autorias sobre os artigos científicos apresentados no ENANCIB e publicados nos anais do evento ao longo do recorte temporal aplicado a esta pesquisa. É importante realçar que os dados retrataram uma multiplicidade numérica superior ao valor total de autorias identificadas em relação à quantidade de artigos analisados por conta da prevalência das coautorias nas publicações científicas. Para maior detalhamento desse aspecto que prepondera as relações de parcerias, visando realizar pesquisas para publicação científica no ENANCIB, segue o Gráfico 2. Esse instrumento estatístico demonstra a tipificação numérica das autorias.

Gráfico 2 – Coautorias de artigos no ENANCIB.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Como apresenta o Gráfico 2, o número de autorias individuais totalizou a quantidade de zero artigos publicados. Assim, o destaque visual notabiliza o predomínio das autorias duplas que representou 64% do total de trabalhos apresentados no ENANCIB. É válido destacar que, por se tratar de um evento de cunho acadêmico, é comum haver trabalhos produzidos por mais de uma autoria. Mas, a preponderância identificada nas coautorias foi realmente um fator expressivo. Nesse aspecto, uma dedução sugerida para essa ocorrência no

compartilhamento autoral se refere às relações acadêmicas dos pesquisadores envolvidos, ou seja, vínculos de orientações, institucionais e outras conformações de interesses comuns. Afinal, essa especificação relacional não foi analisada para se verificar as particularidades que conotam sentido à proximidade entre os pesquisadores.

Outra variável analisada se refere aos onze Grupos de Trabalhos (GTs) do ENANCIB, visando identificar aqueles que dedicaram interesse por pesquisas científicas e que resultaram em artigos publicados com temáticas LGBT. Assim, a Tabela 10 dedica-se a revelar numericamente a pertinência das questões LGBT na Ciência da Informação por meio das publicações científicas do ENANCIB.

Tabela 10 – GTs ENANCIB

| Grupos de Trabalhos (GTs) | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2004 |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------|
| | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2019 |
| | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | | |
| GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 01 | 00 | 00 | 01 | |
| GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 01 | 00 | 01 | 02 | |
| GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 02 | 03 | 00 | 05 | |
| GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 5 – Política e Economia da Informação | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 6 – Informação, Educação e Trabalho | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 8 – Informação e Tecnologia | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 01 | 01 | |
| GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 10 – Informação e Memória | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | |
| GT 11 – Informação & Saúde | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 01 | 01 | |
| TOTAL | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 | 10 | |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A importância do ENANCIB e a sua conformação estruturada por seus GTs expressam a variedade de subdivisões temáticas das pesquisas na Ciência da Informação brasileira. Nesse sentido, o evento representa um retrato dos interesses científicos desenvolvidos em pesquisas no domínio da Ciência da Informação nacional. No entanto, pela Tabela 10, se percebe que a temática LGBT ainda não repercute de forma significativa no interesse das pesquisas acadêmicas brasileiras em Ciência da informação. Afinal, dos onze GTs,

constatou-se que seis não registraram qualquer artigo com assuntos direcionados às questões da comunidade LGBT.

Com isso, há indicativos de desinteresses temáticos que evocam conotações de resistência na área para se empreender pesquisas com abordagens de assuntos em que o objeto de investigação tem a população LGBT como foco dos estudos. Esse conservadorismo aparente vem de encontro com as reflexões de Almeida Júnior (2015b) e de Vieira (1983) que consideram a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como áreas tradicionalmente resistentes às mudanças.

Para Vieira (1983, p. 82), a Biblioteconomia persiste como “[...] área tão dogmática, pouco se cria, raramente se inova e ousar é proibido”. Vale ressaltar que Vieira fez essa afirmação com artigo publicado no ano de 1983 e Almeida Júnior (2015b) confirmou esse persistente conservadorismo mais recentemente.

Conforme a Tabela 10 devidamente explicitou, dos GTs que obtiveram os trabalhos registrados e apresentados no ENANCIB o GT3 foi o que liderou com cinco artigos publicados. Em seguida, o GT2 obteve dois artigos sobre os assuntos relacionados à comunidade LGBT. As outras três publicações representaram trabalhos unitários que foram desenvolvidos para os seguintes GTs: GT1, GT8 e GT11, respectivamente com um artigo.

Direcionando para a análise dos termos que envolvem a comunidade LGBT e que foram identificados nas publicações de artigos do ENANCIB, segue a Tabela 11 para se realizar a visualização dos vocábulos utilizados na busca.

Tabela 11 – Incidência dos termos LGBT predominantes nos Artigo do ENANCIB

| Termos | Qtd. de Artigos | Título | Resumo | Palavras-chaves | Total | % das Incidências |
|---------------|------------------------|---------------|---------------|------------------------|--------------|--------------------------|
| LGBT | 07 | 05 | 13 | 06 | 24 | 25% |
| Transexual | 06 | 03 | 14 | 02 | 19 | 20% |
| Travesti | 06 | 03 | 13 | 02 | 18 | 19% |
| Lésbica | 03 | 02 | 09 | 01 | 12 | 13% |
| Transgênero | 02 | 01 | 05 | 01 | 07 | 7% |
| Cisgênero | 1 | | 2 | | 2 | 2% |
| Gay | 02 | 01 | 05 | | 06 | 6% |
| Bissexual | 02 | 01 | 05 | | 06 | 6% |

| | | | | | |
|------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-------------|
| Drag Queen | 1 | 1 | 1 | 1 | 1% |
| Homossexual | | | | | |
| Homossexualidade | | | | | |
| Queer | | | | | |
| Assexual | | | | | |
| Heterossexual | | | | | |
| GLBT | | | | | |
| GLS | | | | | |
| TOTAL | 10 | 16 | 67 | 12 | 95 |
| | | | | | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

A Tabela 11 expõe o conjunto de termos utilizados na estratégia de busca que resultou no levantamento das publicações de artigos apresentados no ENANCIB. Assim sendo, ressalta-se que foram utilizadas 16 expressões terminológicas para evidenciar as temáticas dos artigos científicos vinculados ao ENANCIB e que correspondem à comunidade LGBT.

A partir da Tabela 11 se permite observar a predominância terminológica que estrutura o interesse da Ciência da Informação em desenvolver pesquisas científicas relacionadas à comunidade LGBT. Dito isso, o levantamento e a análise dessa variável possibilitam identificar a expressividade dos termos que representam a abrangência das pesquisas científicas no domínio de especialidade investigado.

Dos 16 termos pesquisados, nove obtiveram incidências nas variáveis analisadas (título, resumo e palavras-chaves), considerando os artigos levantados. Logo, os outros seis termos não alcançaram os interesses das pesquisas em Ciência da Informação apresentadas no ENANCIB. Dois termos que não constam incidências nas publicações levantadas são GLBT e GLS. Tais expressões remetem à obsolescência terminológica, inclusive junto à própria comunidade LGBT por não serem inclusivas e nem mesmo representativas para designar a diversidade característica dessa população.

O termo que apresentou maior incidência nas pesquisas do ENANCIB foi LGBT. Essa terminologia consta em sete dos dez artigos levantados pelo presente trabalho acadêmico, consolidando 24 incidências nas variáveis pesquisadas, montante que representa $\frac{1}{4}$ desse total, ou seja, 25% de todas as incidências. Destaca-se que esse termo consta em sete dos dez artigos levantados sobre a comunidade LGBT no evento em questão. Na sequência aparecem os termos

transexual e travesti com significativas proximidades numéricas e proporcionais nas três variáveis.

Tal qual a Tabela 6, apresentada anteriormente durante a explanação dos dados a respeito dos termos LGBT utilizados nos artigos de periódicos científicos, a Tabela 11 agrupa, de forma descendente, as expressões próprias da comunidade LGBT utilizadas como ferramentas de pesquisa para o levantamento dos artigos indexados na plataforma adotada neste trabalho, Brapci. O vocábulo LGBT foi o termo que obteve mais reincidências, chegando a 21% do total dos termos.

Entretanto, diferentemente da Tabela 6, os termos que tiveram evidência expressiva de acordo com os dados da Tabela 11 foram travesti e transexual(is), esses dados surpreendem de certa forma pois o percentual das discussões e trabalhos existentes acerca dos indivíduos transgêneros ainda são baixas, ou quase inexistente, principalmente na Ciência da Informação.

O termo Lésbica também obteve relevância em relação aos outros termos, correspondendo assim expectativa dentro da atual pesquisa. O termo Assexual foi um os termos que não teve nenhuma menção, assim como o termo Heterossexual.

O termo GLBT, apesar de ser considerado ultrapassado pela comunidade atualmente, aparece em um dos trabalhos apresentados no ENANCIB, datado no ano de 2004.

Buscando apresentar maior descrição dos aspectos institucionais e sua localização geográfica para melhor se entender a distribuição brasileira dos artigos vinculados ao ENANCIB é que foi desenvolvida a Tabela 12. Desse modo, as afiliações institucionais e geográficas das quais as autorias de artigos no ENANCIB apresentaram vínculos correspondentes foram devidamente reunidas em tais variáveis para se identificar a prevalência de centralidades no desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema em questão. Assim sendo, os dados aqui expostos enaltecem os registros de estado e a sua respectiva região geográfica em que estão localizadas as instituições de pesquisa contendo a proporção de artigos científicos de cada unidade da federação brasileira.

Tabela 12 – Afiliação institucional e geográfica das autorias dos artigos do ENANCIB

| Siglas das Instituições Vinculadas às Autorias | Estados | Regiões Geográficas | Nº de Incidências | % |
|-------------------------------------------------------|----------------|----------------------------|--------------------------|-------------|
| UFPB | PB | Nordeste | 9 | 39% |
| UFMG | MG | Sudeste | 4 | 17% |
| UFBA | BA | Nordeste | 3 | 13% |
| UFAL | AL | Nordeste | 2 | 9% |
| UFSC | SC | Sul | 2 | 9% |
| Unirio | RJ | Sudeste | 2 | 9% |
| USP | SP | Sudeste | 1 | 4% |
| TOTAL | | | 23 | 100% |

Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Conforme revelaram os dados apresentados na Tabela 12, a região Nordeste tem grande participação na produção científica do ENANCIB em que os temas dos artigos desse referido evento mantêm interesses sobre questões da comunidade LGBT. Destaca-se que a região Nordeste do Brasil lidera o volume de publicações representando 61% do total dos artigos. Conforme a Tabela 12 evidencia, a instituição com maior número de artigos com temáticas LGBT é pertencente a essa região, ou seja, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Considera-se importante mencionar a presença institucional da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na Tabela 12. Afinal, são apenas sete instituições brasileiras que apresentaram interesse em pesquisas científicas relacionadas ao tema LGBT no ENANCIB. Julga-se pertinente enaltecer os esforços para contribuições da UFAL à Ciência da Informação brasileira com pesquisas que expressam a amplitude da diversidade humana no país. Com isso, identificar a UFAL presente entre as instituições nacionais que se mostram dispostas a desenvolver publicações científicas com temas tão discriminados na sociedade brasileira é fato louvável que merece ser notabilizado o valor dos seus esforços para provocar transformações na Ciência da Informação nacional.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 12, além do Nordeste, as demais regiões brasileiras com maior expressão no quantitativo de instituições são, respectivamente: o Sudeste com 7% e o Sul com 2%. Infelizmente, as limitações numéricas do quantitativo de publicações encontradas sobre o tema evidenciaram a ausência de instituições localizadas nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido visando problematizar e fomentar o interesse relacional da comunidade LGBT no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Nesse sentido, buscou-se estabelecer uma ampla e densa revisão de literatura para levantar e compreender a realidade atual dessa população na sociedade, incluindo os respectivos aspectos de identidade cultural. Assim sendo, foram dedicadas noções teóricas que elucidaram definições conceituais de termos e expressões específicas utilizados para caracterizar os elementos linguísticos que definem a identidade do repertório comunicacional e referencial dessa comunidade.

A biblioteca universitária serviu de base circunstancial, enquanto unidade de informação, para direcionar as perspectivas de incremento de políticas que alcancem a prioridade do acolhimento pelo protagonismo social, seguindo um princípio fundamental para o desenvolvimento dos processos característicos à mediação da informação. Com isso, foram envolvidas as questões relativas à organização e do tratamento da informação, além da formação e desenvolvimento de coleções, que possam proporcionar acolhimento significativo da comunidade LGBT. No entanto, vale ressaltar, que os princípios aqui defendidos se aplicam a qualquer tipo de biblioteca ou ambiente informacional.

A transexualidade foi utilizada como fator problematizador estabelecido para esta investigação a fim de se delimitar o recorte temático diante das complexas fronteiras que reconhecidamente possuem as questões de gênero e sexualidade humana. Desse modo, o presente trabalho efetivamente consente a ideia fundamental que paira sobre a diversidade das características humanas, incluindo as múltiplas e variáveis identidades sexuais e particularidades individuais para conceber a assimilação de gênero. Diante dessa perspectiva que estabelece a transexualidade como o objeto de investigação se faz necessário reconhecer que essa característica representa uma das formas de se categorizar e manifestar as identidades da condição humana sob o prisma da sua noção de sexualidade. Obviamente que a transexualidade confere uma abordagem intrínseca às questões referenciais da comunidade LGBT à qual

designa evidência pela última letra dessa sigla que abarca a generalidade por representar uma expressão “guarda-chuva”.

De forma geral, reconhecendo as devidas limitações metodológicas desta pesquisa, é possível considerar que as reflexões provocadas pelo presente estudo contribuem para ampliar a importância dos espectros teóricos e sociais da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, ainda que essas duas áreas do conhecimento possuam em seus históricos o conservadorismo inerente na sua constituição e interação social.

Desse modo, evidenciam-se importâncias consideráveis de se produzir pesquisas e estudos acadêmicos na Biblioteconomia e na Ciência da Informação para provocar mudanças pontuais, conjunturais e, até mesmo, estruturais. Buscando seguir tais direcionamentos propositivos é que este trabalho segue estímulos e motivações para oferecer subsídios teóricos que acrescentem nas reflexões necessárias às mudanças contemporâneas do fazer bibliotecário em compromisso efetivo com a sociedade, reconhecendo na diversidade humana como uma característica subjetiva da sua identidade.

Metodologicamente esta pesquisa também levantou e analisou os dados relativos ao interesse da Biblioteconomia e da Ciência da Informação por pesquisas expressas em publicações científicas sobre temas da comunidade LGBT. Com isso, foi possível identificar e mensurar a amplitude de importância dedicadas por ambas as áreas com as questões sociais pertinentes à população LGBT. Os resultados evidenciaram uma situação caracterizada por um interesse comedido que reforça a ideia de conservadorismo persistem nessas áreas. Assim, tais registros vão de encontro com a percepção de Vieira (1983) e mais explicitamente com a noção identificada por Almeida Júnior (2015b) sobre o conservadorismo estrutural que ainda se obstina tanto na Biblioteconomia quanto na Ciência da Informação.

As implicações dos resultados bibliométricos e cientométricos aqui apresentados reforçam a necessidade de se ampliar esforços para potencializar o desenvolvimento de iniciativas que prezem pela consciência crítica e social dos bibliotecários. Assim sendo, se faz necessário pensar a própria formação social na Biblioteconomia. Afinal, os bibliotecários lidam diretamente com gestão, seleção, fluxos, organização, representação e recuperação da informação em

espaços sociais determinantes para viabilizar percepções de inclusão de identidades em sujeitos específicos e em grupos determinados.

Portanto, se entende que a população LGBT representa uma minoria social que deve receber o criterioso acolhimento de uma mediação da informação. Isso somente é possível se os bibliotecários, e a própria unidade de informação, estiverem envolvidos em um protagonismo social que visa promover o empoderamento crítico desses usuários enquanto sujeitos históricos da sua realidade temporal para reafirmar a importância de suas identidades culturais e sociais.

Obviamente que inúmeras lacunas se apresentam no contexto desta pesquisa. Dentre elas se pode apontar a ausência da análise qualitativa sobre o teor das publicações científicas levantadas nos domínios de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Pois esse tipo de exame permite revelar minúcias linguísticas que representam a base do pensamento predominante em uma determinada comunidade de discurso.

Logo, tais resultados serviriam para identificar não só os aspectos quantitativos que evidenciaram o interesse das áreas investigadas, mas também demonstrariam a amplitude qualitativa predominante na comunicação coloquial. De todo o modo, se reconhece que a presente pesquisa não se esgota por si só e se fazem necessárias outras contribuições investigativas tendo como foco problematizador a comunidade LGBT no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Ciente das limitações existentes nesta investigação, considera-se que o presente trabalho possa oferecer contribuições efetivas para despertar o interesse de futuras pesquisas acadêmicas na graduação de Biblioteconomia em que os estudantes estejam sensibilizados com os desafios sociais da comunidade LGBT.

REFERÊNCIA

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. Cap. 3, p. 41-54.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José. **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015a. Cap. 1, p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. CONSERVADORISMO E REVOLUÇÃO (OU REFORMISMO) NA BIBLIOTECONOMIA E NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Divers@**: revista eletrônica interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, out. 2015b.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. *In*: SILVA, T. E. (Org). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: NÉCTAR, 2008. p. 67-85.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Protagonismo como categoria analítica em estudos de usuários da informação. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 129-146.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. 222 p. (Coleção Primeiros Passos). Disponível em: <<https://democraciadireitoogenero.files.wordpress.com/2016/07/bento-berenice-o-que-c3a9-transexualidade2008.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate À Discriminação. Ministério da Saúde. **Brasil Sem Homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra gltb e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

BRASIL. Inep. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nome social será usado por mais de 400 travestis e transexuais**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/outros/educacao-basica/nome-social-sera-usado-por-mais-de-400-travestis-e-transexuais>. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Saúde. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 194 p. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

BRASILIA. Agência Senado. Senado Federal (ed.). **Expectativa de vida de transexuais é de 35 anos, metade da média nacional**. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/expectativa->

de-vida-de-transexuais-e-de-35-anos-metade-da-media-nacional. Acesso em: 01 jan. 2020.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **Revista Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p.106-125, 03 set. 2015/fev. 2016.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; COSTA, Daysene de Araujo. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 1-14, set. 2017.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida Varela. A mediação da informação e o protagonismo social: experimentando a construção de um modelo em uma comunidade brasileira. **Investigación Bibliotecológica**, México (DF), v. 31, n. 73, p. 91-110, septiembre/diciembre, 2017.

FARIAS, S. C. B. A seleção, o tratamento e a difusão da informação na perspectiva do protagonismo social: um ensaio crítico. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 181-188.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n122/22511.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Serviços de referência & informação**. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 181-188.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.10-21, mar. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com a vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 27-43.

GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. Prefácio. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. Prefácio, p. 7-10.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Prefácio. *In*: BAPTISTA, Dulce Maria; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de (Org.). **Organização da informação: abordagens e práticas**. p. 13-21.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: Ser-Tão/UFG, 2012. 42 p. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2018.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, p.733-743, 2009.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. São Paulo: Interciência, 2006. 96 p.

MARTINS, Guilherme; MENEZES, Estera Muszkat; TREVISOL NETO, Orestes. Bibliotecário escolar: socializando a temática do gênero e sexualidade. **Revista Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 21, n. 3, p. 944-959, 2016. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1223>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Formação e desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 87-94, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/463/1468>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MOURA, Maria Aparecida. Narrativas culturais, protagonismo e mundo comum. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 93-108.

PARÁ. Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos. **População LGBT: um guia da cidadania no Pará**. Conceitos, direitos humanos, políticas públicas, espaços, conquistas e participação social. Pará, 2017. 57 p. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/567>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017. p. 11-24.

PRADO, Marcos Aparecido Rodrigues do.; SANTOS, Dimitria Silva Vasconcelos dos. Vertentes propositivas para a mediação da informação. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, n. 1, p. 2-24, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/12890>. Acesso em: 08 dez. 2020.

REED, Jim. **Transgender children: buying time by delaying puberty**. Buying time by delaying puberty. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-44661079?SThisFB>. Acesso em: 01 jun. 2019.

REIS, Toni. org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SANTOS, Cristian. Biblioteca da Diversidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 211-214, jun. 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/563/463>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SILVA, Patrícia Edíone da. **Relações de gênero e sexualidade na escola: uma investigação na prática docente**. 2012. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1955/1/PDF%20-%20Patr%C3%ADcia%20Edi%C3%B3ne%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2020.

SILVA, Tarciso Feijó da; ROMANO, Valéria Ferreira. Sobre o acolhimento: discurso e prática em Unidades Básicas de Saúde do município do Rio de Janeiro. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 105, p. 363-374, abr. 2015.

SOARES, Augusto Machado. **Bota a cara no sol, mona: a formação do bibliotecário e o LGBT, um estudo sobre a preparação acadêmica para um futuro social igualitário**. 2015. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/arquivos/tccs-acima-de-9/TCC-%20AUGUSTO%20MACHADO%20SOARES.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Ética profissional versus ética social: uma abordagem sobre os mitos da Biblioteconomia. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 8-11, out. 1994.

VIEIRA, A. S. Repensando a biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983.